# CRER E SABER: PILARES DA VIDA DE *Urbano Zilles*

ORGANIZADORES • ANA ZILLES
RICARDO RECKTENWALD
AUTORA • CAROLINA ARGENTI ROCHA

ediPUCRS

2020

Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

**Chanceler**
Dom Jaime Spengler

**Reitor**
Evilázio Teixeira

**Vice-Reitor**
Jaderson Costa da Costa

**CONSELHO EDITORIAL**

**Presidente**
Carla Denise Bonan

**Editor-Chefe**
Luciano Aronne de Abreu

Adelar Fochezatto
Antonio Carlos Hohlfeldt
Cláudia Musa Fay
Gleny T. Duro Guimarães
Helder Gordim da Silveira
Lívia Haygert Pithan
Lucia Maria Martins Giraffa
Maria Eunice Moreira
Maria Martha Campos
Norman Roland Madarasz
Walter F. de Azevedo Jr.

# CRER E SABER: PILARES DA VIDA DE Urbano Zilles

ORGANIZADORES • ANA ZILLES
RICARDO RECKTENWALD
AUTORA • CAROLINA ARGENTI ROCHA

ediPUCRS

© EDIPUCRS 2020

**CAPA** Thiara Speth
**DIAGRAMAÇÃO** Camila Borges
**REVISÃO DE TEXTO** Carina Camacho
**CONCEPÇÃO EDITORIAL** Palavra Bordada – Conteúdo, História e Memória
**ENTREVISTAS, PESQUISA E REDAÇÃO** Carolina Argenti Rocha
**COORDENAÇÃO** Ana Zilles e Ricardo Recktenwald

Edição revisada segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Este livro conta com um ambiente virtual, em que você terá acesso gratuito a conteúdos exclusivos.

Acesse o *QR Code* e confira!

ediPUCRS

Editora Universitária da PUCRS
Av. Ipiranga, 6681 – Prédio 33
Caixa Postal 1429 – CEP 90619-900
Porto Alegre – RS – Brasil
Fone/fax: (51) 3320 3711
*E-mail*: edipucrs@pucrs.br
*Site*: www.pucrs.br/edipucrs

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R672c Rocha, Carolina Argenti
Crer e saber : pilares da vida de Urbano Zilles / Carolina Argenti Rocha ; organizadores Ana Zilles, Ricardo Recktenwald. – Porto Alegre : EDIPUCRS, 2020.
191 p.

ISBN 978-65-5623-038-2

1. Zilles, Urbano – Biografia. 2. Biografia cristã. 3. Vida cristã. I. Título. II. Zilles, Ana. III. Recktenwald, Ricardo.

CDD 23. ed. 922.2

Lucas Martins Kern – CRB-10/2288
Setor de Tratamento da Informação da BC-PUCRS

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS. Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio ou processo, especialmente por sistemas gráficos, microfílmicos, fotográficos, reprográficos, fonográficos, videográficos. Vedada a memorização e/ou a recuperação total ou parcial, bem como a inclusão de qualquer parte desta obra em qualquer sistema de processamento de dados. Essas proibições aplicam-se também às características gráficas da obra e à sua editoração. A violação dos direitos autorais é punível como crime (art. 184 e parágrafos, do *Código Penal*), com pena de prisão e multa, conjuntamente com busca e apreensão e indenizações diversas (arts. 101 a 110 da Lei 9.610, de 19.02.1998, Lei dos Direitos Autorais).

# SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO ..... 7
PREFÁCIO ..... 11
UMA CAMINHADA PARA O NOVO ..... 17
UMA PORTA PARA O MUNDO ..... 43
EDUCAÇÃO COMO VOCAÇÃO ..... 73
EMBAIXADOR DA CIÊNCIA E DO CONHECIMENTO ..... 113
O LEGADO DE UMA VIDA ..... 139
ÁRVORE GENEALÓGICA DA FAMÍLIA ZILLES ..... 180
TÍTULOS OUTORGADOS A URBANO ZILLES ..... 183
LIVROS PUBLICADOS (POR ORDEM CRONOLÓGICA) ..... 185
REFERÊNCIAS ..... 189

# APRESENTAÇÃO

Fazer um registro em agradecimento sempre esteve no meu horizonte. Quando ainda era menina, em tom de brincadeira, a Maria – minha irmã – e eu escrevíamos um livro. Tinha até título. A ideia foi amadurecendo com os anos, sempre pensando naquele menino que arrastava uma malinha pelo mundo, saído de uma terrinha longe de tudo e de todos. Do meio do mato de Santa Catarina, perto da fronteira com a Argentina, para o mundo. Meu tio. Urbano Zilles.

Esse jovem promissor e hábil foi buscar a vida sacerdotal e, com ela, o mundo acadêmico. Vocacionado para aprender e ensinar, tornou-se professor, coordenador, diretor de curso de graduação, pró-reitor.

Teve destaque nacional com a sua produção de conhecimento e no universo dos órgãos de fomento à pesquisa. Um grande inovador preocupado com a formação humana na fé, na razão e no mundo da tecnociência. Tornou-se o líder de um movimento de jovens. Ídolo para a família e para toda a comunidade de São João do Oeste (SC).

Foi meu chefe, também, em momentos de nossas vidas. Porém, nunca o chamei de padre, Monsenhor, doutor ou professor. Para mim, ele sempre foi e será o Tio.

Mas como expressar em palavras todas as emoções que vivemos e que o ouvimos contar e recontar a vida toda? Foi longo o caminho até este livro tornar-se concreto. Foi preciso criar coragem e condições para trazer tantas histórias de vida para o papel. Várias pessoas queriam fazê-lo e provocaram a iniciativa.

O Tio tem uma rica experiência, que volta e meia toma as rodas de conversa nos encontros e jantares de família. Foi numa tarde de domingo em minha casa, após muita conversa, que o amigo Ricardo Recktenwald me disse: "Ana, precisamos registrar essas histórias. Esse homem tem uma vivência que precisa ser contada".

Pronto, juntou-se o desejo com o senso prático e a força.

Saí à procura de quem transformasse a nossa vontade em forma de livro. Foi por intermédio de Franciele Rech que conhecemos a Palavra Bordada, que aceitou essa missão. Antes, claro, tivemos de contar ao biografado sobre nossas intenções. Melhor lugar que ao redor de uma mesa num almoço de domingo não havia.

E lá se foram entrevistas, viagens, fotos, emoções... E sempre me questionava: quem mais tem histórias para contar sobre o Tio? E a lista aumentava, fazendo parecer com que essa etapa estivesse longe de ser concluída. Afinal, eram muitos os amigos, os alunos, os paroquianos, os colegas de trabalho, os fãs. Na tentativa (ilusória) de não deixar ninguém de fora, estendemo-nos. Mas, enfim, concluímos.

E, após todo esse processo, que se iniciou em 2018 e chega a sua conclusão em 2020, uma das minhas grandes satisfações é poder confidenciar que foi por causa da nossa iniciativa que o Tio se sentiu motivado a escrever as suas memórias, teclando palavra por palavra, apresentando ainda mais causos do que os narrados nesta publicação.

Este livro se propõe a ser uma homenagem a Urbano Zilles de todos aqueles que com ele conviveram e convivem. São histórias ricas em sentimento, saudade, alegria e emoção. Foram relatos regados por lágrimas e decorados com muitos sorrisos.

Preciso agradecer a todos os que contribuíram para que este sonho fosse concretizado. Aos entrevistados, que cederam suas horas e lembranças; ao Ricardo, que, com seu senso prático de negócio, foi um grande alicerce e incentivo; e, na pessoa de Carolina Rocha, minha gratidão a toda a equipe da Palavra Bordada, pessoas que quero perto de mim para sempre. Meu agradecimento também à acolhida e ao empenho da equipe da EDIPUCRS, liderada pelo seu editor-chefe, professor doutor Luciano Aronne de Abreu.

Tio, tens uma linda e inspiradora vida, repleta de lições. És um ser humano que fez e faz diferença por onde anda. Um vencedor em todas as frentes desafiadas. E, embora muitos te conheçam, poucos sabem da força e da fragilidade que cabe ao ser humano que és e reconhecem tuas diversas facetas.

Por trás dos óculos, da batina e dos livros, existe um homem sensível, afável, amigo e companheiro. Alguém que esteve sempre

disposto a ajudar, ensinar e melhorar. Uma pessoa que fez muito pela sua família e pela comunidade.

Tua grande riqueza, para mim, está aí: és alguém disposto a te levantar todos os dias para melhorar o mundo através da palavra e do conhecimento.

Espero que este livro seja para o leitor uma revelação e que represente para o meu Tio um gesto concreto de gratidão, que não é só minha, mas de todos os que têm e tiveram o privilégio de conhecê-lo.

Viva, Urbano Zilles!

***Ana Zilles***

# PREFÁCIO

*Observam-se vidas que passam, que desaparecem sem deixar marcas. Há outras que ficam, que marcam profundamente as pessoas. Por quê? A razão fundamental está na motivação do ser e do agir, nos valores vividos e transmitidos. As vidas contagiantes se alimentam de uma "mística", palavra que significa "segredo". Possuir uma mística é ter um segredo de vida, um conjunto de valores perenes profundamente encarnados que motivam toda a existência, constituindo a fonte do dinamismo, a força propulsora, a luz que ilumina o caminho.*

***Ir. Norberto Rauch***

O presente texto, fruto de uma reflexão acerca da liderança do Ir. Norberto Rauch, reitor da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) de 1988 a 2004, e de seu grande companheiro na profunda transformação que tornou a PUCRS uma das melhores universidades de pesquisa do Brasil, descreve perfeitamente a trajetória da vida abençoada do nosso querido Monsenhor Zilles.

Homem simples, religioso e intelectual da maior grandeza, com formação nos melhores centros teológicos e científicos do mundo, influenciou e marcou a vida de muitas pessoas. Foi protagonista de feitos marcantes que transformaram vidas e insti-

tuições. Iluminou a vida de muita gente. Pessoas como eu, que tenho a honra de escrever este prefácio para o livro que descreve sua trajetória de vida.

A trajetória pessoal e profissional do Monsenhor Urbano Zilles reflete sua personalidade envolvente, sua capacidade intelectual e sua vocação religiosa. Como este livro mostra, sua vocação para a educação somente não foi maior que sua vocação religiosa. Desde sua formatura em Teologia, buscou se preparar como professor nos melhores centros de pesquisa do mundo, como a Universidade de Münster, Alemanha. Foi aluno de Joseph Ratzinger, depois Papa Bento XVI. Paralelamente à sua formação acadêmica, fez incursões em diversas áreas das artes, como radialista e ator. Desde cedo descobriu uma habilidade que viria a transformá-lo em um dos mais respeitados e referenciados autores brasileiros nas áreas de Teologia e Filosofia, o que o levou a ser membro da Academia Brasileira de Filosofia e da Academia Brasileira de Filósofos Católicos. Ainda hoje, mesmo aposentado de suas responsabilidades acadêmicas, mantém um nível de produção intelectual invejável.

Na sua vocação religiosa, seu nome está indissociavelmente ligado ao movimento de Emaús, desde o início dos anos 1970 até hoje, que reuniu inicialmente jovens universitários. Diversos testemunhos de jovens (alguns dos quais estão incluídos neste livro) trazem o reconhecimento da importância em suas vidas da convivência com o Monsenhor. Ele participou e influenciou diversos movimentos e ações dentro da Igreja. Como pároco da Igreja Nossa

Senhora do Líbano, desde 1982, exerce intensa participação na vida e nas atividades da paróquia. Como ele diz com muito carinho, lá está como pároco provisório, indicado pelo bispo Dom Antonio Cheuíche. Conta que, quando recebeu o convite, foi-lhe dito que seria somente por um curto período, até que chegasse um padre maronita, em breve. Lá se vão quase 40 anos. Sorte nossa, que formamos a comunidade maronita, que tivemos a graça de ter o Monsenhor em nossa paróquia, que ele transformou em uma das mais ativas da cidade. Na paróquia Nossa Senhora do Líbano profere suas lindas homílias, que atingem o coração e as mentes, simultaneamente, na forma e no conteúdo, das pessoas mais simples e dos mais sofisticados intelectuais, gerando em cada um a sensação, verdadeira, de que está falando pessoalmente com ele.

Em sua trajetória acadêmica, além de lecionar e criar cursos de pós-graduação *stricto sensu* em diversas universidades, foi responsável por conceber um modelo de Universidade Católica de classe mundial, alicerçada na pesquisa de qualidade e relevante para a sociedade. Foi protagonista da transformação da PUCRS em uma referência nacional e internacional nas áreas de pesquisa e pós-graduação. E fez isto basicamente acreditando e formando pessoas, criando condições institucionais para que muitos jovens professores, como eu, tivessem uma formação acadêmica qualificada, no contexto do seu Programa Mil Mestres e Doutores para o Ano 2000. Foi um gestor acadêmico único, com um estilo muito pessoal, que transitou das humanidades à tecnociência com a mesma desenvoltura e qualidade. Um líder na área de educação

superior de nosso país, respeitado e admirado por todos que o conhecemos e tivemos e temos a graça de conviver com ele.

Finalmente, ele merece todo o reconhecimento de cada um de nós e da nossa sociedade, como homem, como religioso, como acadêmico e intelectual. Em todos os que já convivemos com o Monsenhor Zilles tenho certeza de que a leitura deste livro despertará a ternura e a gratidão a Deus por tê-lo colocado em nossas vidas. Aos demais leitores, propiciará conhecer a vida de um grande homem, cujos valores vividos e transmitidos conformam um legado que justifica toda uma vida.

***Jorge Luis Nicolas Audy***

*Professor Titular da Escola Politécnica e do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Computação da PUCRS*

*Superintendente de Inovação e Desenvolvimento da PUCRS*

# UMA CAMINHADA PARA O NOVO

A porta de madeira entreaberta ilumina discretamente o corredor. Ao toque mais suave, ela se abre por completo e revela uma sala inundada pela claridade do dia. Um aparador acomoda prêmios, distinções e troféus. Na estante, livros. Muitos. Mas, ainda assim, são apenas uma parte da biblioteca do morador.

A cada passo, mais intenso se torna o aroma do cachimbo que toma conta do ambiente. Ao fundo da sala, junto à janela em que apenas uma fresta foi aberta, está o Monsenhor Urbano Zilles, aos 82 anos de idade, aposentado das suas tarefas acadêmicas, mas pleno em suas atividades intelectuais. Do lado esquerdo, sobre o sofá, uma pilha de livros, arrumados com uma desordem organizada e cuja lógica só ele compreende. Ali, é proibido mexer. À direita, também sobre o estofado, os papéis com as suas anotações. Os livros que escreveu surgiram das palavras que rabiscou nas folhas brancas A4. Em breve, aquelas ali dispostas darão origem a mais uma publicação. Mais ao fundo, próximo da janela, um aquário com peixes, uma pilha de CDs e um aparelho de som.

Na cadeira do papai, ele aprecia o cachimbo enquanto lê. As manhãs começam cedo no apartamento da rua São Manoel, no bairro Santana, em Porto Alegre. O despertar madrugador é herança

dos tempos de seminário. Ele levanta-se para me receber com um afetuoso abraço e para começarmos mais uma de nossas conversas, ocorridas no outono e no inverno de 2018, acompanhadas de um café passado na hora pela funcionária que há anos cuida da casa, das refeições e da sua roupa. O que há de mais novo no espaço é um grande televisor de última geração.

A partir dessa singela descrição, é possível reunir e explicar breve e superficialmente as principais qualidades desse homem: um leitor voraz, um escritor incansável, um pesquisador apreciador de cachimbos e um apaixonado pelo estudo, pela tecnologia e pelos avanços científicos. O padre, o professor, o tio, o amigo, o conselheiro: Monsenhor Urbano Zilles.

Nem sempre esse lar foi a casa de Urbano. Mas, com certeza, é o lugar onde fincou raízes e por mais tempo permanece.

Primogênito de cinco irmãos, Urbano nasceu no Hospital de Gramado, na Serra Gaúcha, em 1º de junho de 1937. Os pais, Verônica Schneider e Felipe Zilles, eram agricultores, assim como os seus avós maternos – João Schneider e Dorothea Klauck – e paternos – Pedro José Zilles e Maldoner –, todos descendentes de alemães que imigraram para o Brasil em 1854, provenientes da região de Trier, também chamada Tréveris, em português, localizada no atual estado da Renânia-Palatinado.

A vida da família foi marcada por jornadas desbravadoras. Em alguns documentos guardados por seu pai, Urbano encontrou relatos dos bisavôs que registravam a longa viagem da Alemanha ao Brasil, na qual tinham ficado retidos em um porto inglês por seis meses, depois

que o capitão abandonara a embarcação. Enquanto esperavam pela nova tripulação, os imigrantes precisaram trabalhar na Inglaterra antes de completar a travessia do Atlântico.

Quando Urbano nasceu, seus pais viviam na mesma casa que os avós paternos, em Pinhal Alto, na zona rural de Nova Petrópolis, no Rio Grande do Sul. Felipe era um dos mais novos entre os 15 irmãos. Famílias numerosas eram comuns na época. A de Verônica, por exemplo, era composta por nove filhos. Assim como ocorria em outras regiões colonizadas pelos germânicos, o espaço destinado ao cultivo agrícola tornava-se escasso conforme os herdeiros cresciam. Isso motivou a procura por novas áreas do estado com terras disponíveis para se obter o sustento e a sobrevivência. Foi o que aconteceu com a família Zilles: alguns dos irmãos mais velhos de Felipe, que ele mal chegou a conhecer, mudaram-se para as novas colônias de Selbach, Tapera e, mais tarde, Cerro Largo. Esse mesmo caminho, rumo a terras intocadas, seria seguido por Felipe anos mais tarde.

## 1.1 Anzol e linha eram brinquedos

As mais antigas lembranças do menino Urbano são das pescarias aos domingos pela manhã, ao lado do pai, no açude próximo da casa dos avós em Pinhal Alto, no qual havia criação de peixes.

"Aprendi com ele que, quando se pesca, concentra-se e pensa-se na vida. E que só devemos pescar e caçar o que podemos comer", lembra Urbano.

Em março de 1944, movidos pela necessidade de mais espaço para a família, Felipe e Verônica embarcaram com os filhos em uma

viagem que, aos olhos do menino, representava uma grande aventura. Desde a década de 1920, a *Volksverein für die Deutschen Katholiken in* Rio Grande do Sul (Sociedade União Popular para os Católicos de Língua Alemã do Rio Grande do Sul) buscava novas áreas para assentar os descendentes dos imigrantes. Entre esses novos territórios destinados ao povoamento havia lotes adquiridos no Oeste Catarinense, para onde foram encaminhados colonos gaúchos. Urbano, os pais e os irmãos Irineu, Amélia e Edvino partiram, juntamente com outras três famílias, rumo a Porto Novo, mais tarde batizado de Itapiranga, um povoado já estabelecido às margens do Rio Uruguai. De lá, seriam conduzidos até uma região ainda não desbravada.

"Essa viagem foi muito aventureira, pois não existiam estradas. Levamos sete dias para realizar o trajeto que hoje, de carro, faço em pouco mais de seis horas. Além disso, estávamos em meio à Segunda Guerra Mundial, e era proibido falar alemão em público", descreve Urbano.

A bordo de um ônibus, no qual também estavam os poucos pertences que tinham, seguir viagem após o anoitecer era bastante arriscado. Na ausência de hotéis, os salões das paróquias e dos clubes serviam de pousada. Durante o trajeto, Edvino adoeceu, e o deslocamento foi interrompido por horas para que o pequeno se recuperasse.

As memórias do último trecho do percurso são de ainda mais dificuldade. Sem estradas pelas quais o ônibus pudesse transitar, eles tiveram de transferir a bagagem para um caminhão e seguir nele por 75km, de Seberi, no norte do Rio Grande do Sul, até Linha Sede Capela, que, na época, era um distrito de Chapecó e que atualmente

é um distrito do município de Itapiranga (SC). Para fazer a travessia do Rio Uruguai, de águas escuras e forte correnteza, era necessário embarcar em uma balsa, algo bastante rudimentar. À família Zilles, assim como às outras três, foram destinados terrenos em uma região afastada do centro da colônia, numa área denominada Linha São João, uma comunidade católica. Anos mais tarde, essa localidade deu origem ao município de São João do Oeste.

## 1.2 A construção de uma vila

O mais antigo registro de ocupação da pequena vila de São João é de 1932, quando foi celebrada a primeira missa na localidade, pelo padre Teodoro Treis. Com o passar dos anos, novos colonos foram levados pela Sociedade União Popular e instalados em lotes de mata virgem. Sem estradas que permitissem transitar de carroça, era necessário abrir picadas ao longo das margens dos rios para orientar-se.

Com a chegada de mais pessoas, começaram a se organizar mutirões, liderados pelo padre, para a construção desses novos caminhos. Depois, cada um dos moradores dedicava seis dias do seu ano para cuidar das estradas secundárias.

A primeira tarefa da família Zilles ao chegar a São João foi escolher o lote de terra, preparar uma moradia provisória, derrubar mata virgem e plantar. Mas, até se obter a primeira colheita, era preciso sobreviver com o que a região oferecia, como a carne proveniente da caça ou da pesca.

"Próximo de casa havia um arroio de água muito limpa, onde víamos os peixes nadarem. Na hora do meio-dia, durante o verão, a

travessura era conseguir que o pai nos permitisse ir até o rio para pescar", complementa Urbano, que até hoje encontra na pescaria um *hobby*. "Quando posso, vou pescar, pois eu me desligo completamente. E ela tem sempre uma surpresa: às vezes se pesca muito onde menos se espera. E, onde se espera, não se pega nada. São coisas da vida", reflete.

A busca por peixes no arroio Fortaleza é uma das mais antigas lembranças que Inácio Zilles tem do irmão mais velho.

"Eu sempre o acompanhava nessas empreitadas. Uma vez ele pegou um jundiá de uns quatro ou cinco quilos. E ele correu para casa para mostrar ao pai", recorda Inácio, aos risos, revelando que irmão não era tão exímio pescador assim.

Com os irmãos, Urbano armava as arapucas na mata para pegar aves e outros animais. Afinal, era carne, e, pela memória do seu paladar, era "muito boa". A alimentação era complementada pelas frutas nativas que as crianças colhiam na mata cerrada: cereja, ingá, araticum e uma banana que crescia num pé semelhante ao da costela-de-adão, que lá se chamava banana-de-índio. Ou, então, procuravam colmeias para colherem mel. Havia, em especial, um tipo de abelha sem ferrão que fazia a colmeia em um buraco no solo. A recordação é de um mel "muito saboroso".

A primeira moradia da família de Felipe Zilles foi um galpão de madeira, rústico e sem divisórias. Na varanda ficava um fogo de chão onde o menino Urbano preparava as refeições para os irmãos caçulas enquanto o pai e a mãe trabalhavam na lavoura.

Naqueles anos de 1944, quando chegaram a São João, a localidade enfrentou uma das mais severas secas de sua história. Como as fontes de água tinham secado, o menino Urbano precisou levar o cavalo para beber em uma nascente também procurada por animais silvestres. Ao chegarem até o riacho, o cavalo se assustou com a presença de porcos selvagens e disparou, derrubando-o do seu lombo. A queda rendeu uma fratura no braço esquerdo. Como não havia médico nas proximidades, Felipe tratou de imobilizar e amarrar o braço do filho, que, aos poucos, ficou curado.

Logo nos primeiros anos, Verônica precisou ser hospitalizada por mais de sete meses em decorrência de uma complicação na gestação do caçula, Inácio. Assim, as crianças tinham de ajudar Felipe nas tarefas da casa e da lavoura. Em alguns dias da semana, recebiam a visita de uma tia que auxiliava na preparação de alimentos e nas tarefas que os pequenos não conseguiam realizar.

## 1.3 Passos firmes e corajosos

Como parte do plano de ocupação, a Sociedade União Popular havia destinado alguns lotes para uso comum dos moradores. Quando a família chegou à localidade, o padre Teodoro Treis já havia encaminhado as tratativas para a construção de uma igreja matriz. Iniciada de fato em 1945 e inaugurada em 1948, foi erguida totalmente em madeira. Felipe Zilles foi um dos colonos que colaboraram com o próprio trabalho para a edificação do templo. A matriz da paróquia dedicada a São João Berchmans é considerada a maior do tipo na América Latina, sendo hoje atração turística na cidade.

Coube também aos colonos a construção de outros espaços coletivos, como um hospital e a escola estadual, atualmente denominada Colégio Madre Benvenuta. Devido à falta de professores entre os moradores, uma jovem moça de Itapiranga, de família também oriunda do Rio Grande do Sul, foi chamada para lecionar às crianças da comunidade. O sistema de ensino era diferente: os pais construíam as escolas, e o governo pagava o salário da professora.

"Eu me lembro muito bem da minha primeira professora, chamada Herta Engel. Ela tinha pouco mais de 16 anos quando começou a nos ensinar. Ou seja, tinha estudado um pouco mais do que os seus alunos", conta.

Era longa a distância que Urbano percorria a pé, entre a casa dos pais e a escola primária. E não havia tempo ruim: fizesse chuva ou sol, ele e os irmãos seguiam até a escola.

No inverno, saíam de casa muito cedo. Como não havia lanterna de pilha e levar uma lamparina de querosene era complicado, o grupo iluminava o caminho no meio da mata com um pedaço de lenha. Uma das extremidades era queimada no fogão de casa e, para mantê-la em brasa, era preciso girar constantemente a madeira, tarefa na qual as crianças se revezavam. Conforme caminhavam em direção à escola – percurso muitas vezes feito apenas com chinelos ou mesmo com os pés descalços –, estudantes de outras chácaras se juntavam ao grupo. Ao chegar, era preciso lavar os pés para adentrar na sala de aula.

"Como não tínhamos relógio em casa, saímos quando amanhecia. E no inverno, ainda antes da alvorada. Algumas vezes chegávamos

na escola por volta das 4h da madrugada e não tinha o que se fazer a não ser esperar clarear o dia".

Amélia Kemper, irmã de Urbano, lembra que, quando começaram a frequentar as aulas, nenhuma das famílias sabia falar português. A missa aos domingos era uma oportunidade de aprenderem a se comunicar e a rezar no idioma.

A dedicação e a responsabilidade do primogênito da família Zilles aos estudos foram sempre destacadas. Quando ele cursava o segundo ou terceiro ano do primário, havia um professor chamado Arno Heberle que, em dias de chuva, aguardava até Urbano e os colegas passarem em frente à residência dele para entregar a chave da escola e o relógio. Assim, o menino poderia passar a lição aos pequenos que comparecessem.

Nos primeiros meses não se tinha papel para escrever. A caligrafia era praticada em uma pequena lousa de ardósia com giz branco. Quando o quadro ficava completo, apagava-se e começava-se novamente. Alguns meses mais tarde os alunos passaram a usar pena, tinteiro e mata-borrão para anotar as lições.

Contemporânea de escola, Valesca Maria Schneiders, ainda hoje moradora de São João do Oeste, detalha que, como não havia refeitório, as crianças levavam os lanches de casa para serem compartilhados. Em especial, ela se recorda de dividir a merenda com Urbano, pois a mãe dele preparava uma linguiça de porco muito saborosa, sequinha e da largura de um dedo. Em troca, ela cedia um pedaço de cuca ou de pão com ovo. Amélia cita também a partilha

de ovos cozidos, *waffle* e batatas assadas no forno à lenha que dona Verônica preparava.

Não havia uniformes, e os trajes das crianças eram bastante simples. Os meninos vestiam calças curtas que mal chegavam às canelas, e as alças, do mesmo tecido (brim), ficavam por cima das camisetas claras.

A escola primária de São João do Oeste oferecia até o quarto ano, mas a vontade de aprender era grande. Por isso, mesmo sendo um dos primeiros alunos da turma, Urbano pediu aos professores para repetir a última série. Apesar de não entenderem, eles concordaram.

Seu Felipe, que havia estudado apenas até o quarto ano do primário, era um homem de muita cultura e estimulava os filhos a aprenderem sobre os temas mais diversos. Na casa da família sempre havia livros e exemplares de jornais, em língua alemã, que o pai assinava. E quando encontrava uma história interessante, ele fazia questão de ler em voz alta para as crianças.

No porão da casa paroquial de São João havia uma biblioteca muito disputada. Aos domingos, após a missa, os moradores devolviam os livros e retiravam novos títulos, em sua maioria em alemão, sem precisar de nenhum controle ou fiscalização, o que só era feito mensalmente pelo próprio Felipe.

## 1.4 Um exemplo de fé e ciência

Além do pai, Urbano tinha no padre Balduíno Rambo um grande exemplo. Amigo da família, ele visitava São João do Oeste para en-

contrar um dos seus irmãos, que também vivia na região, e coletar espécies de plantas para estudo.

"Conheci pessoas que me marcaram muito na infância. Um deles é o padre Balduíno Rambo, pesquisador e cientista, que, na época, era professor de Biologia no Colégio Anchieta e na Universidade Federal", destaca, ao lembrar o amigo com o mesmo brilho dos olhos de menino.

Nas férias escolares, o garoto acompanhava o padre em suas expedições na mata, por vários dias, em uma aventura que o estimulou à investigação científica ao longo dos anos. Padre Rambo foi um dos primeiros bolsistas do Conselho Nacional de Pesquisas, o CNPq, agência governamental ligada ao Ministério da Educação e, na época, encarregada da pesquisa científica no país, recebendo desse órgão uma câmera fotográfica portátil, uma Leica. Foi com ela que Urbano fez muitas fotografias, já que cabia ao menino o registro dos espécimes encontrados na mata durante as buscas.

Após completar pela segunda vez a quarta série, seus pais o matricularam no então Pré-Seminário de Sede Capela, uma instituição de ensino coordenada por padres jesuítas que funcionava na Linha Sede Capela, distante 15km do centro de São João do Oeste.

"Desde pequeno ele falava que queria ser padre. Ele tinha aulas de doutrina com o padre Vendelino Junges, em São João do Oeste, que brincava muito com as crianças", confidencia Amélia, recordando a vontade do irmão mais velho, que levou a mãe às lágrimas nos primeiros dias de sua ausência.

A escola funcionava em regime de internato, o que garantia as aulas, as refeições e o pernoite na instituição. Urbano voltava para

casa para ver os pais e os irmãos somente nas férias. Também foi em Sede Capela que descobriu um novo *hobby*: a jardinagem. Um dos seus professores, o padre Felipe Kroetz, cultivava orquídeas e outras flores no meio da mata. Isso só acentuou o gosto do garoto pelas plantas e seus usos.

Aos 14 anos de idade, o garoto matriculou-se no Colégio Santo Inácio, em Salvador do Sul (RS), também conhecido como o *Kappesberg*. Distante mais de 500km da casa paterna, impossibilitava visitas, e, por isso, o pouco contato que Urbano mantinha com a família se dava por cartas.

No seminário, igualmente administrado por jesuítas, ele ingressou no ginásio. A instituição era destino de muitos jovens que desejavam continuar seus estudos, em especial os primogênitos das famílias de imigrantes. Os custos da estada e da formação eram pagos pelos pais. Assim, era usual que apenas os mais velhos tivessem o privilégio da formação enquanto os mais novos ajudavam nas lidas no campo.

A escola era enorme. Havia salas de aula, uma capela, os dormitórios e refeitórios. Um grande espaço para acomodar as centenas de garotos do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina que faziam a sua formação lá.

Para chegar à escola, Urbano precisou pegar um ônibus fretado que levava os estudantes até Salvador do Sul. Certa vez, caminhou de Maratá pelos trilhos do trem e, em uma parada em Linha Esperança, no interior do município de Maratá, encontrou um armazém que vendia secos e molhados aos moradores da região. O garoto parou na loja e contou ao casal proprietário, José Guilherme e Alma Lerner,

que precisava de um lugar para passar a noite. O casal, que na época tinha um filho de seis anos chamado Paulo, acolheu o estudante, oferecendo não apenas o pouso, mas também um banho e uma refeição quente. No dia seguinte, Urbano partiu de trem rumo ao *Kappesberg*.

O grupo de estudantes era dividido em três comunidades: os menores, os médios e os grandes. Organizar a plantação de acácias e de eucaliptos era uma das tarefas dos seminaristas.

"Tínhamos que ir à roça de madrugada, no escuro, para matar as formigas, pois elas atacavam as mudas de acácia e eucalipto que tínhamos plantado", complementa.

No *Kappesberg*, Urbano foi aluno do padre Luis Sehnem, que o convidou a auxiliá-lo a colecionar plantas da família das solanáceas (plantas com flor). Ao menos uma vez por semana eles saíam bem cedo e voltavam ao seminário apenas ao anoitecer, recolhendo espécimes existentes na região, que eram enviadas aos Estados Unidos. As incursões também serviam para a captura de cobras venenosas, encaminhadas de trem até o Instituto Butantã, em São Paulo, para a produção de soro antiofídico.

O apreço de Urbano pelo estudo das plantas e dos animais oportunizou que ele escrevesse artigos que esclarecessem aos leitores da revista *A Conquista*, editada no seminário, a diferença entre cobras venenosas e não venenosas. Os textos publicados em 1955, intitulados "No orquidário" e "Conheça as cobras", estão presentes nos números quatro e sete daquele ano.

Ele era convidado a participar das mais diversas tarefas no seminário. Uma delas foi a de ser o árbitro das partidas de futebol entre

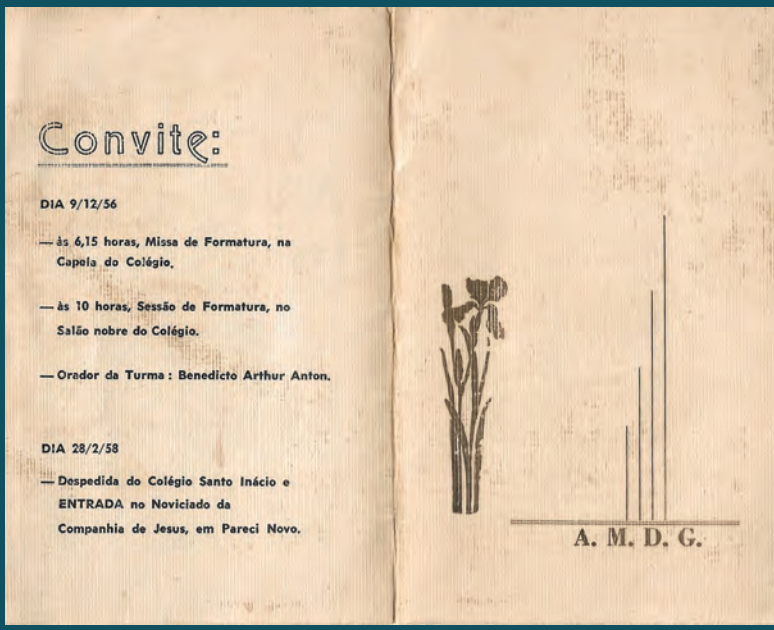
os alunos. E não se contentava com apenas saber as regras do jogo. Hugo Bracht, morador de São João do Oeste e contemporâneo de Urbano no tempo do *Kappesberg*, lembra esse período, pois estava nos primeiros anos ginasiais enquanto o amigo cursava os finais do colegial.

"Ele não jogava futebol, mas era o juiz das partidas. Só que não era um árbitro qualquer. Reunia tudo o que havia sido publicado sobre arbitragem, lia e estudava cada detalhe. Era o mais perfeito juiz que havia na região. E tudo o que ele fazia era assim. Nas missas solenes, auxiliava nas celebrações da Semana Santa, exercendo a função de cerimoniário. E, entre nós, brincávamos que sabia mais que os padres", rememora Hugo.

Foi durante sua permanência no seminário de *Kappesberg* que a fotografia entrou de vez na vida de Urbano. Havia um biólogo húngaro, jesuíta de São Leopoldo, padre Hauser, que necessitava de alguém que preparasse para ele e para o padre Balduíno Rambo os *slides* que seriam projetados durante as suas aulas. Então, foi construído um laboratório de revelação e cópia fotográfica na escola de Salvador do Sul, e ele foi ensinado por esse professor a utilizar os produtos químicos para revelar os negativos que o biólogo e o padre Balduíno Rambo produziam. As tarefas no laboratório ele realizava à noite, depois de uma tarde de aulas e estudo.

Os ensinamentos dessa fase de sua vida foram fundamentais para que encaminhasse o futuro, tanto na carreira a ser desenvolvida quanto nas escolhas que fez, crendo que a ciência e o conhecimento nunca iriam se opor à sua fé.

Os estudantes e a cachoeira próxima ao Seminário. Em vez de se banhar, Urbano se dedicava a registrar o momento de lazer dos colegas.



Convite:

DIA 9/12/56

— às 6,15 horas, Missa de Formatura, na Capela do Colégio.

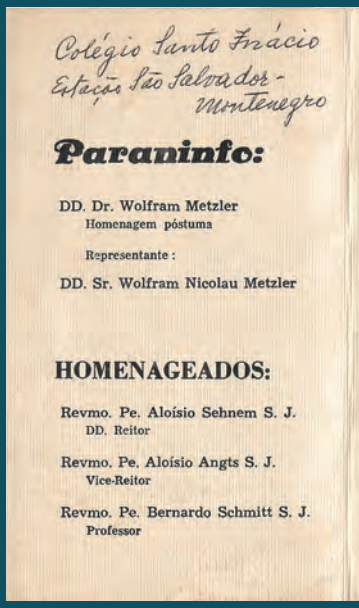
— às 10 horas, Sessão de Formatura, no Salão nobre do Colégio.

— Orador da Turma : Benedicto Arthur Anton.

DIA 28/2/58

— Despedida do Colégio Santo Inácio e ENTRADA no Noviciado da Companhia de Jesus, em Pareci Novo.

A. M. D. G.



Colégio Santo Inácio
Estação São Salvador - Montenegro

Paraninfo:

DD. Dr. Wolfram Metzler
Homenagem póstuma

Representante :

DD. Sr. Wolfram Nicolau Metzler

HOMENAGEADOS:

Revmo. Pe. Aloísio Sehnem S. J.
DD. Reitor

Revmo. Pe. Aloísio Angts S. J.
Vice-Reitor

Revmo. Pe. Bernardo Schmitt S. J.
Professor

Recordação do tempo em que o jovem Urbano era um seminarista.

*Lembrança dos*

# FORMANDOS

## de 1957

COLÉGIO SANTO INÁCIO

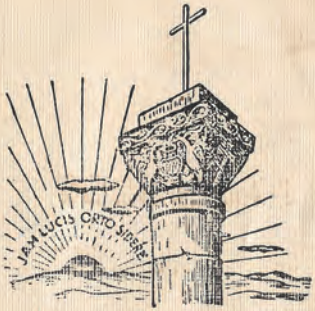
**Estação São Salvador - Montenegro**

Convite para a formatura do ginásio do Colégio Santo Inácio, o Kappesberg, em Salvador do Sul.

9/12/57

## OS FORMANDOS:

*Benedicto Arthur Anton*
*Danilo Gandin*
*Egydio Schwade*
*Euclides Roque Kipper*
*Guido Aloys Kuhn*
*Ivo Honório Mueller*
*José Guido Steffen*
*José Hilário Schuck*
*José Odelso Schneider*
*Matias Martinho Lenz*
*Odilo Pedro Lunkes*
*Orlando Oswino Ohland*
*Otmar Jacob Schwengber*
*Reinaldo Ignácio Adams*
*Roque Lauschner*
*Tealmo Meurer*
*Urbano Zilles*




**POR CRISTO**
**E**
**PELA PÁTRIA**

A arte da fotografia foi ensinada e estimulada por vários dos seus professores e foi um dos meios de sustento em sua adolescência.

Nas paredes da casa dos Zilles, em São João do Oeste, as fotos da família feitas por Urbano ainda são expostas.

Senhor Felipe ajudou na construção da igreja matriz de São João do Oeste, a maior construída em madeira na América Latina.

Antigo Hospital de São João do Oeste.

O primogênito de Verônica e Felipe é o responsável pelos registros fotográficos dos pais e dos irmãos.

Urbano registrou o cotidiano de sua mãe, Verônica, nas tarefas da casa, fazendo a cuca que Urbano saboreava com gosto.

Felipe, sob as lentes do filho, apreciando um mate ao lado do fogão à lenha da família.

O menino Urbano, em um autorretrato, na cascata que fica na propriedade paterna. Olhar altivo e curioso em busca do conhecimento.

A casa da família Zilles, em Pinhal Alto, interior Nova Petrópolis, foi onde o primogênito de Felipe e Verônica nasceu.

Um momento de descanso em meio às tarefas no jardim do Seminário em Salvador do Sul. Ao fundo, a grandiosa construção que abrigava salas de aula, dormitórios e capela.

Nem só de estudos e oração era a rotina no Kappesberg.
Também eram encenadas peças teatrais pelos seminaristas.

Seminaristas das mais diferentes idades participavam das orações.
Neste registro, uma das preces antes da refeição.

A varanda da casa dos Zilles, em São João do Oeste, lugar para jogos de carteado, rodas de chimarrão e almoços de família.

A edificação foi preservada pela família com seus mínimos detalhes. Atualmente, Inácio Zilles, irmão caçula de Urbano, vive na propriedade.

A rotina era completa, incluindo trabalhos que exigiam também do corpo, como capinar o pátio da instituição, tudo a cargo dos estudantes.

Nas folgas, o riacho próximo ao Seminário era o local de brincadeiras, atividade física e refresco.

O esporte era um meio de exercitar a disciplina e o trabalho em equipe. Neste registro feito por Urbano, seis colegas jogavam uma partida de basquete.

# 2.

# UMA PORTA PARA O MUNDO

No verão, quando o seminário dava férias aos alunos, Urbano voltava para São João do Oeste. E ele sempre levava uma novidade. Em uma dessas oportunidades, desceu do ônibus carregando sua mala e um rádio a pilha para a família, o primeiro na região, como ele conta. Mas o aparelho era muito grande e pesado para ser transportado pelo adolescente. A solução foi esconder o rádio no matagal junto à estrada e percorrer a pé, com a mala, o trajeto até a casa dos pais.

"Deixei no mato, escondido atrás de árvores, pois eu tinha de levar a mala. E quando cheguei em casa, pedi ao meu irmão mais novo, o Inácio, para buscá-lo. A gente achava isso de deixar as coisas no caminho para pegar depois algo muito natural", observa.

Inácio também descreve a reação da comunidade frente à novidade:

"Foi espetacular. Todos vieram à nossa casa no domingo de tarde para ouvir os programas. Ninguém queria acreditar".

No entanto, as férias não eram tempo só de diversão. Urbano aproveitava o período em casa para ajudar o pai em algumas tarefas, como a pintura de casas que o pai construíra para outros moradores. O pai construía casas na região, e o estudante pintava uma ou duas

delas durante o recesso escolar. Às vezes, era chamado a ajudar até no hospital da comunidade.

"Em São João do Oeste só havia um médico e uma auxiliar de enfermagem. Um dia, o médico Jorge Schleder Chagas chegou à nossa casa, já vestindo máscara, para me pedir para auxiliá-lo como instrumentador, algo que eu nunca tinha feito. No caminho até o hospital, ele me contou que não conhecia a enfermeira e pediu: "Se ela desmaiar, você a carrega para fora", conta, entre risos, qual foi sua participação na primeira cirurgia realizada no hospital.

Naquele tempo, o anestésico que se usava era o éter. E o cheiro era tão forte que a gente adormecia até sem querer. Depois de anestesiar o paciente, o médico pegou o bisturi e começou a fazer o corte para realizar a cirurgia de apendicite.

"Quando saiu o primeiro sangue, a auxiliar de enfermagem desmaiou. Eu a levei para fora da sala e tratei de arrumar quem cuidasse dela", sublinha Urbano, que, depois do socorro prestado à jovem, teve de voltar para a sala e continuar ajudando o médico.

Mas o trabalho que mais o satisfazia era com a fotografia. A prática que ele havia adquirido com o laboratório do Colégio Santo Inácio foi fundamental para que aquela se tornasse uma das atividades de maior prazer da sua juventude. Além dos retratos da família, que ainda hoje ornamentam a sala da casa dos Zilles, em São João do Oeste, o jovem seminarista fazia fotos em eventos estudantis e religiosos, como a ordenação de 16 jesuítas na catedral de Santa Cruz do Sul. Ele era chamado para as formaturas escolares dos colégios de irmãs e de seminaristas e costumava fazer os registros fotográficos

das ordenações e eventos. Esse trabalho foi muito importante para que ele custeasse as despesas de sua formação e pudesse continuar estudando.

## 2.1 As primeiras lições

Ao deixar o Colégio Santo Inácio, em 1957, Urbano foi lecionar para os internos do Seminário Menor São João Maria Vianney, em Bom Princípio (RS), na época, um distrito de São Sebastião do Caí. Os seminários menores são destinados aos jovens que desejam ingressar na vida religiosa e ofereciam, na época, o primário, o ginasial e o colegial, além de uma formação preparatória, como a que ele havia recebido no *Kappesberg*, que também era um seminário menor.

Na escola, ele lecionou disciplinas como Língua Portuguesa, Ciências, Matemática e até Canto Orfeônico. Além de cantar, havia aprendido, em Salvador do Sul, a tocar violino e piano.

Durante o período em que deu aulas em Bom Princípio, foi empossado reitor do seminário, depois que o padre Canísio Bays, que coordenava a instituição, precisou ser hospitalizado por mais de seis meses. Também cabia a ele providenciar as atividades para que tudo funcionasse corretamente, como, por exemplo, adquirir os alimentos a serem preparados para os internos.

Um dos aprendizados que teve naquele período foi o da condução de automóveis, pois era preciso buscar os mantimentos de carro devido à distância da cooperativa de Harmonia, um distrito de Montenegro, no Vale do Caí. Como só lhe restava a noite, pois os dias ele passava em sala de aula, combinou com os responsáveis por uma cooperativa

de Harmonia que deixassem as caixas com os alimentos em lugar acessível para que ele pudesse recolhê-las à noite.

"Toda a aula de direção que tive durou um dia e foi dada por um taxista", orgulha-se, entre risos, ao contar que o veículo do seminário era um F100 com a troca das marchas junto ao volante.

Ainda que tivesse aprendido a dirigir, era necessário habilitar-se. A primeira licença foi obtida em São Sebastião do Caí, cidade na qual havia um avaliador credenciado para conceder a carteira estadual.

"Os automóveis da época não tinham os recursos que têm hoje. Então, o avaliador me mandou parar o carro em uma subida, em uma estrada de chão, e colocou uma caixa de fósforo atrás da roda traseira. E eu deveria arrancar sem esmagar a caixa. Por conseguir, passei e obtive a carteira estadual", detalha.

Além de comandar o seminário menor, Urbano ainda tinha tempo para reger o coral na paróquia próxima.

## 2.2 A política estudantil como instrumento

Encerradas as suas atividades em Bom Princípio, Urbano prestou vestibular para os cursos de Medicina e Filosofia. Aprovado em ambos, escolheu o curso de Humanas para seguir seus estudos.

"O vestibular daquele tempo era diferente do de hoje. Não tinha cruzinha e ponto para marcar. Havia bancas com prova oral e escrita", aponta.

Os custos dessa formação foram pagos com o que ele havia economizado do trabalho como fotógrafo e pelo valor recebido das Paulinas de Porto Alegre – editora de publicações de cunho religio-

so – em razão dos direitos autorais da tradução do alemão para o português de um romance do padre Balduíno Rambo intitulado *Vida por vida*. Ele também traduziu outro romance, *O herói do Monte Taió*, que foi publicado em capítulos pela revista *A conquista*, do Colégio Santo Inácio. Os recursos não apenas custearam os estudos como foram suficientes para que ele adquirisse uma máquina de escrever, algo caro e raro para um estudante na época.

No Seminário Maior Nossa Senhora da Imaculada Conceição, de Viamão, Urbano sentiu como se o mundo se abrisse para ele. O aluno, além de frequentar as aulas de Filosofia e de Pedagogia da Faculdade de Filosofia Nossa Senhora Imaculada Conceição (FAFIMC), encontrava tempo para ensinar grego e latim a alguns colegas que estavam no seminário e não tinham aprendido os idiomas. Um desses colegas era o padre Isidoro Seidel.

Em uma determinada noite, trabalhando no laboratório fotográfico enquanto eram realizadas as apresentações dos candidatos para a presidência do Diretório Acadêmico da faculdade, Urbano foi convidado a candidatar-se, faltando pouco mais de 15 minutos para o fim do prazo de inscrição. E foi eleito. No cargo, participou da política estudantil da União Estadual dos Estudantes (UEE), juntamente com outros colegas como Helgio Henrique Casses Trindade, Francisco Luis dos Santos Ferraz e Ernildo Jacob Stein.

"Participávamos da política estudantil, que tinha realmente cunho estudantil, e não partidário. Os encontros eram semanais, na Galeria Chaves, todas as quartas-feiras, e discutíamos problemas estudantis das instituições e dos alunos. Não interessava partidarismo", frisa.

Essa atuação política culminou em uma oferta para que ele estudasse em Cuba. Naquele período, Fidel Castro recém havia tomado o poder. Ao mesmo tempo, outro convite, dessa vez feito pelo arcebispo de Porto Alegre, cardeal Vicente Scherer, despertou interesse maior de Urbano: uma bolsa para estudar na Alemanha.

"A Europa havia se voltado ao desenvolvimento da América Latina. Indiquei outro para a vaga em Cuba e escolhi a Alemanha", ressalta.

Interrompendo o curso de graduação em Filosofia na FAFIMC, em 1962, ele seguiu para o Velho Continente, de onde os seus antepassados haviam partido.

Realizar a formação na Alemanha era algo raríssimo entre os padres brasileiros, conforme explica o bispo emérito de Porto Alegre, Dom Dadeus Grings. Ele destaca que, na época, era costume que os seminaristas cursassem Teologia em Roma, em particular na Pontifícia Universidade Católica Gregoriana, instituição na qual ele próprio se graduou. Assim, Urbano era uma exceção. Sua ida para o país germânico representava um gesto de inovação feito por Dom Vicente Scherer a fim de que a formação de padres em outros centros de estudos contribuísse para o enriquecimento cultural da Arquidiocese e, por conseguinte, com novas visões durante a preparação de jovens seminaristas.

"Dom Vicente o escolheu por reconhecer valores nele. Os professores referiam que ele era uma inteligência rara, que deveria ser aproveitada e, por isso, ele o recomendou para a Alemanha", garante Dom Dadeus Grings.

## 2.3 A grande jornada

Antes da viagem para a Europa, Urbano voltou a São João do Oeste para despedir-se dos pais. É desse encontro a lembrança mais antiga da sobrinha Ana Zilles. Na época, ela e seus pais, Clara e Irineu Zilles, viviam na mesma casa que Felipe e Verônica.

"Eu estava deitada sobre um cobertor no chão da sala da casa da vó, e ele entrou para se despedir. Na época, não sabia que ele estava indo viajar, eu devia ter por volta de uns dois anos de idade. Ele chegou, me puxou pela cobertinha, arrastando pelo assoalho de madeira, numa grande brincadeira", descreve Ana, a primogênita entre os sobrinhos de Urbano.

Nas férias que antecederam à viagem, Urbano adoeceu de varíola. A febre muito alta causou a perda da percepção da sintonia da própria voz, impedindo-o de cantar, algo que, assim como tocar instrumentos musicais, era um *hobby* desde os tempos do ginásio em Salvador do Sul.

Em 1962, aos 25 anos, ele iniciou sua jornada até a Alemanha. Na época, ir de avião era muito caro; então, a melhor opção foi seguir de navio até Gênova, na Itália. Para embarcar no transatlântico, foi necessário fazer, primeiro, uma viagem de ônibus até o Rio de Janeiro, onde Urbano precisou aguardar por três dias antes de ingressar no navio Federico C, da companhia italiana Costa Crociere.

Ao desembarcar em Gênova, 12 dias depois, seguiu de trem para Roma, onde permaneceu por algumas semanas, antes de seguir viagem para a Alemanha. Havia uma grande movimentação na capital italiana em função do Concílio Vaticano II, autoridades eclesiásticas

de todo o mundo circulavam pela cidade. Durante sua estada, entre os meses de setembro e outubro daquele ano, a convite do cardeal Vicente Scherer, Urbano ficou hospedado no Colégio Pio Brasileiro, no qual viviam cerca de 100 seminaristas brasileiros.

"Antes de embarcar para a Europa, o cardeal Vicente Scherer me alertou que, em Roma, todos os seminaristas usavam batina e, na Alemanha, apenas um colarinho, que deveria me adaptar, pois eu não usava a veste naquela época. E os jovens estavam loucos para se ver livres da batina, tinham que usá-la até para jogar futebol", acrescenta, aos risos, lembrando-se das dificuldades em praticar o esporte com o hábito.

Urbano narra que, ao chegar ao seminário, não o queriam receber, pois não trajava a veste. Morava no Colégio o cardeal Bea, a quem foram pedir uma opinião. O cardeal disse que sem dúvida deveriam aceitá-lo, pois era seminarista como os outros. E o acolheram. Quando os demais bispos e padres chegaram para o Concílio, os jovens queriam ver o que o cardeal Scherer diria sobre o traje, mas mal sabiam eles que ele é que o havia recomendado.

Durante o Concílio Vaticano II, que ocorreu em quatro sessões entre 1962 e 1965, nas férias da faculdade de Teologia, Urbano era convidado pelo cardeal Scherer, que comparecia a todas as sessões, a participar de algumas delas. Na abertura, em 11 de outubro de 1962, acompanhou o arcebispo e o professor Otto Skryczack.

No ano seguinte, também compareceu e recebeu uma missão sigilosa. O cardeal Alfred Bengsch, que havia participado da abertura, em 1962, estava impedido de deixar a Alemanha Oriental. Como o

Vaticano precisava comunicar-se com o cardeal Bengsch, solicitaram que Urbano cruzasse o muro para entregar uma correspondência a ele. O Brasil mantinha boa relação com os soviéticos por conta da compra de algumas máquinas e da venda de café. Acreditava-se que um brasileiro teria mais facilidade em passar para o lado oriental sem despertar suspeitas. Um padre alemão até se ofereceu para acompanhá-lo, mas não passou do posto de controle.

"Não me revistaram muito. Mas fizeram muitas fotos, colheram a impressão digital. Era um controle terrível. Minha justificativa para ir até o outro lado era de que queria conhecer Berlim oriental", recorda-se.

Depois de passar pelo controle, Urbano procurou o cardeal em sua residência e permaneceu com ele por quase todo o dia. Bengsch o levou pessoalmente para conhecer as ruas principais, muito caprichadas para os poucos turistas autorizados a cruzar o muro. Ele também apresentou ao jovem seminarista as ruas mais afastadas, em que Berlim parecia ser uma favela e por onde circulavam muitos soldados.

"A ideologia marxista queria mudar o mundo na base material. Foi ali que ela fracassou, sobretudo na Alemanha Oriental. Pois foi a miséria que levou o povo à revolta", reflete Urbano.

## 2.4 Novos hábitos

Cumprida a missão e depois de um mês em Roma, em 13 de outubro de 1962, Urbano atravessou a Itália e a Suíça até chegar ao

sul da Alemanha. De lá seguiu para Beuron, onde fica um mosteiro beneditino às margens do rio Danúbio.

"Os monges haviam ofertado bolsas a estudantes brasileiros em retribuição à acolhida que um beneditino de origem judaica teve quando se refugiou no Brasil, após fugir da perseguição nazista", enfatiza. Foram oferecidas oportunidades, naquela ocasião, para ele e para o também seminarista brasileiro Dario Backes, de Santa Cruz do Sul.

A nova rotina na Alemanha também se revelou um momento de crise para o seminarista, que ainda não tinha tomado decisões em relação à sua vida. Enquanto a vida para os monges era muito austera, para ele e para o colega, era muito mais livre. E eles tinham que fazer as próprias escolhas.

Um ponto importante naquele momento foi a lembrança dos testemunhos de vida de alguns padres, como o de Balduíno Rambo e de tantos outros sacerdotes que eram líderes de suas comunidades.

"E ninguém se torna líder por ordenação de bispo", sustenta Urbano.

Beuron era uma vila agrícola que, na época, tinha cerca de 20 casas. Sua principal lembrança é da imensa biblioteca do mosteiro. Nela havia uma antessala onde, até o fim da Idade Média, funcionava o *scriptorium*, local no qual os monges copiavam à mão os livros antes da invenção da prensa de Guttemberg. Havia mesas de carvalho ainda com os tinteiros e penas para escrever. Era como se ele tivesse contato com a Antiguidade e a Idade Média, refletidas naquela arquitetura.

Junto ao mosteiro também funcionava uma escola de arte sacra e um centro de pesquisa para a reconstituição da primeira tradução da Bíblia para o latim (chamada *Vetus Latina*, anterior à feita por

São Jerônimo, no ano de 380), além da Faculdade de Teologia, a *Theologische Hochschule Beuron*, que reunia monges e seminaristas de diferentes ordens. Foi nessa instituição que Zilles iniciou o curso de Teologia, concluído em 1966. Durante sua estada no mosteiro, cursou a especialização em Arte Sacra. Os conhecimentos sobre o tema lhe foram muito úteis em duas oportunidades: quando foi chamado a opinar em uma questão envolvendo a igreja do bairro Bom Fim e na elaboração do projeto para a reforma do altar da Paróquia Nossa Senhora do Líbano, ambas em Porto Alegre.

O seu primeiro inverno na Europa ficou marcado na memória. Inicialmente, porque o frio se antecipou, trazendo neve em novembro. Depois, pelas lições de esqui que teve com novos amigos. O frio era tão intenso que o Bodensee (lago Constança), a cerca de 30km do centro de Beuron, congelou, permitindo que se andasse de bicicleta sobre o gelo.

Para passar o tempo e se integrar à população da aldeia, Urbano e Backes se inscreveram em um time de futebol em Irrendorf, uma aldeia próxima de Beuron, cujos treinos eram noturnos. Backes gostava do esporte. Foi um dos raros momentos em que Urbano trocou o apito pela defesa do time, enquanto Backes era atacante.

Um dos hábitos que o acompanha desde 1963, e que é citado pelos amigos como uma das suas características mais marcantes, foi lhe apresentado em Beuron.

"Quando cheguei na Alemanha eu fumava cigarro. Ora, naquele tempo só merecia respeito o homem que fumasse. Havia propagandas no rádio falando como o fumo era benéfico para a saúde. Foi quando

um amigo, pároco de Trossingen, padre Anton Deininger, me deu o primeiro cachimbo e explicou que ele era menos prejudicial, pois não se inala a fumaça", descreve.

Na Alemanha se dizia que fumar era prejudicial à saúde, mas se fumava muito. Desde então, ele não largou mais o cachimbo, que virou seu companheiro nos momentos de mais profunda concentração e leitura.

## 2.5 Uma missão com os jovens

Para manter-se na Alemanha, Urbano aproveitava os recessos do período letivo para trabalhar. No seu segundo ano no Mosteiro, foi chamado para trabalhar nas colônias de férias que eram oferecidas pela Caritas alemã aos jovens oriundos das regiões carboníferas de Düsseldorf e do Ruhr.

Sua primeira missão foi cuidar, durante um mês, de um grupo de garotos entre 14 e 16 anos em uma casa de férias na Bélgica, na cidade de Bornem. Com muitos dias de chuva, ele usou seus conhecimentos de hipnose para entretê-los, um sucesso entre a garotada, que enviava cartas aos pais contando as façanhas.

Seu bom desempenho na atividade resultou em um novo convite para o ano seguinte: além de orientar outro grupo de meninos na Bélgica, ele passou a cuidar também de uma colônia de férias na Ilha de Terschelling, na Holanda. As tarefas eram dobradas, pois havia na colônia 50 meninos e 50 meninas, e eles e elas tinham de frequentar diferentes lugares na praia. Com os meninos, Urbano fazia acampamentos com fogueira à noite, nas dunas da praia, que

sempre terminavam com ele imitando os sons dos bichos selvagens, assustando os adolescentes.

Outra fonte de renda de Urbano era a fotografia, e foi por meio dela que ele chegou ao cinema. Seu primeiro contato com a sétima arte foi ainda no Brasil, quando foi contratado para trabalhar como fotógrafo em um filme sueco. A equipe do filme estava rodando algumas cenas em Montenegro, no Vale do Caí, no Rio Grande do Sul, quando Urbano, então estudante de Filosofia do Seminário de Viamão, foi convidado a participar do *staff*. Quando já vivia na Alemanha, foi chamado novamente pela equipe do filme, só que, desta vez, sua participação seria como ator.

"O filme se chamava *Encontrado na noite* e nunca chegou ao Brasil, graças a Deus", confidencia.

Os cineastas gostaram tanto de seu trabalho que chegaram a convidá-lo para um segundo longa-metragem, para o qual ele chegou a assinar o contrato. Entretanto, ao ler o roteiro e verificar que haviam modificado o original, retratando muito mal a América Latina, Urbano desfez o acerto.

"Foi então que tomei a decisão de seguir pela vida religiosa. E nunca mais me senti atraído pelo cinema, pois vi que havia truque demais. Para mostrar suor, colocavam vaselina no rosto do ator, por exemplo", revela.

## 2.6 A celebração da fé

Urbano, então, concluiu a faculdade de Teologia e foi ordenado sacerdote em 31 de abril de 1966, na paróquia de Trossingen, nas

proximidades de Beuron, na qual ele havia realizado seu estágio. Trossingen tinha na época entre 20 e 25 mil habitantes, em sua maioria de confissão luterana. Durante o período em que estagiou na paróquia, ele preparou meninos e meninas para a primeira eucaristia, ou seja, para a primeira confissão e comunhão.

A distância impediu que a família Zilles pudesse acompanhar a ordenação e a primeira missa celebrada por ele, em 1º de maio de 1966, ambas na mesma igreja. Entretanto, um morador de São João do Oeste, Arno Schuler, esteve presente no evento, representando a comunidade onde ele havia crescido.

Para celebrar esse momento tão marcante na vida do neossacerdote e da comunidade do Oeste Catarinense, foi organizada uma homenagem especial. Mirian Grasel Gassen, na época com 13 anos, foi convidada a declamar, em alemão, um poema.

"Eu era uma aluna que só dizia poesia. Eu decorava tudo que é poesia e declamava. Não me lembro mais dos versos nem sobre o que era, mas recordo perfeitamente de estar em frente da igreja, ao lado dos colegas de escola, e declamando", narra Mirian.

A voz de Miriam foi gravada em uma fita cassete enviada para a Alemanha a tempo de ser ouvida pelo padre recém-ordenado. Semanas depois, a jovem recebeu um cartão-postal enviado pelo padre Urbano. Numa face, uma foto sua feita no dia de sua ordenação e, no verso, uma mensagem redigida em alemão. Mirian não só guardou o cartão como uma preciosidade, como decorou, do mesmo modo que fazia na infância, as frases que ele escreveu naquele postal.

*"Liebe Mirian!*
*Soeben hörte ich deine Stimme auf dem Tonband, die 10.000 km geflogen ist mit dem Primizgruß, der mir viele Freude brachte.*
*Recht herzlichen Dank!*
*Ja, Mirian, es ist wirklich, wirklich wahr, ich bin Priester um den Menschen zu dienen.*
*Viele Grüße,*
*Pe Urbano Zilles"*

*"Querida Mirian,*
*Escuto a tua voz que voou 10 mil quilômetros em uma fita gravada.*
*Muito obrigado!*
*Sim, eu fiquei padre para servir o meu povo.*
*Saudações,*
*Pe. Urbano Zilles"*

Astéria Körbes também recorda as correspondências que seu pai, Helmuth Körbes, recebeu do padre Urbano. Por mais de 70 anos, Helmuth foi o regente do coral de São João do Oeste, sendo também o dono do cartório da região, local muito frequentado pelo pai do neossacerdote, Felipe Zilles. As visitas ao cartório sempre resultavam em horas de conversa entre os dois. O tempo e a pressa, naquela época, tinham outra velocidade.

## 2.7 Humor e acolhida

Depois da ordenação e da primeira missa, as crianças que ele havia preparado para a eucaristia pediram ao pároco que a primeira

confissão delas fosse feita com o padre Urbano, o que de pronto foi aceito.

Uma menina de uns 10 anos disse a ele, ao final da acusação, "Que Deus tenha compaixão de ti, pobre pecador".

"Eu só fiquei pensando no salmo que diz que Deus fala a verdade pela boca dos inocentes. Então, ela tinha razão", brinca.

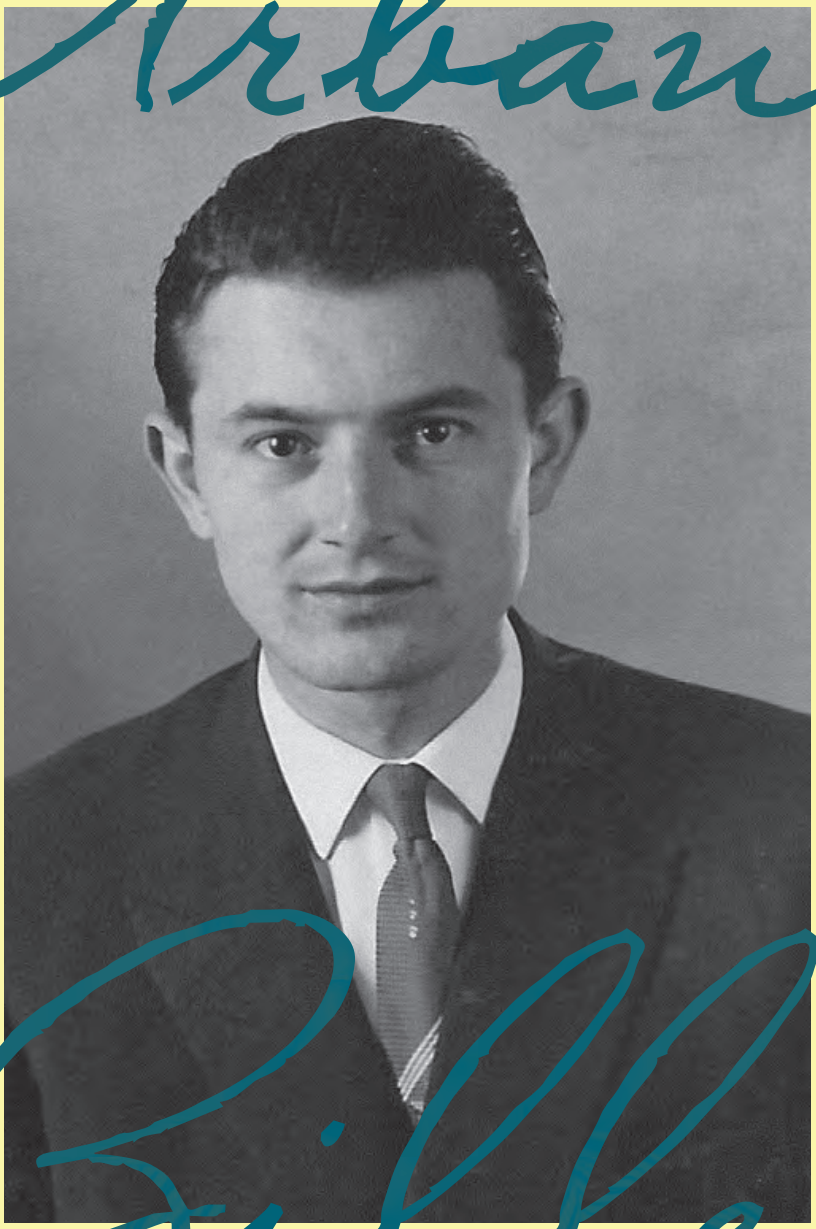
Ele recorda também um menino que começou a chorar logo após ouvir que deveria rezar dois pais-nossos. Quando as lágrimas do guri cessaram, o novo padre perguntou o que havia acontecido, já temendo que fossem achar que ele havia beliscado o garoto.

"É que só aprendi um pai-nosso", respondeu o garoto.

"Então eu disse a ele que rezasse esse que ele tinha aprendido", diverte-se o padre, que acrescenta: "Aprendi que o perdão de Deus não depende da quantidade de pais-nossos e ave-marias que rezamos".

Urbano Zilles no período em que vivia na Alemanha.

# Urban Gilles



Urbano Zilles celebra sua primeira missa na Paróquia de Trossingen, nas proximidades de Beuron, na Alemanha, onde ele fez a sua formação.

Entre os convidados para a sua primeira missa estavam os amigos Osvino José Both e Arnildo Fritzen que, pilchados, acompanharam a procissão dos coroinhas.

Em 1964, Urbano foi monitor de uma colônia de férias na Bélgica, função que exerceu por vários anos .

A paixão de Urbano pelos carros sempre foi uma marca de sua personalidade. Neste registro, guia o veículo na *autobahn* entre Münster e Dusseldorf.

Durante o período em que viveu na Alemanha, Urbano Zilles teve a oportunidade de visitar a Terra Santa. Nessa viagem, conheceu a vila de Emaús.

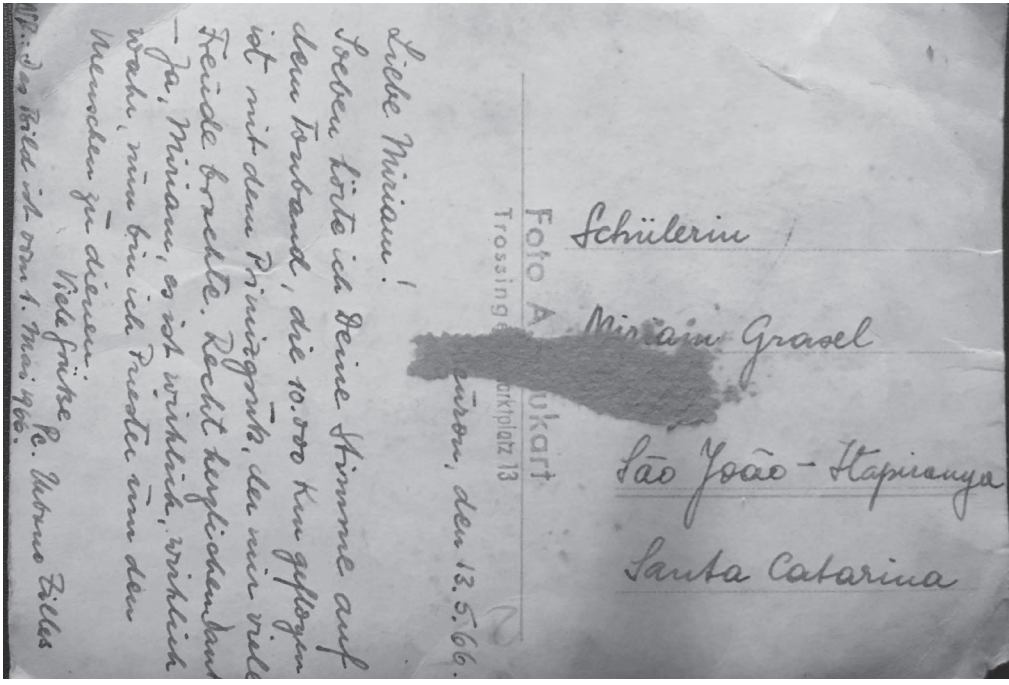
Zilles, de branco, ao lado de Dadeus Grings (de batina) durante uma visita à cidade de Höhenhaus, em Colônia, na Alemanha.

Dom Vicente Scherer foi um dos grandes incentivadores de Urbano em sua carreira clerical e acadêmica.

Durante o Concílio Vaticano II, Dom Vicente Scherer (ao centro) convidou o jovem seminarista Urbano para que o acompanhasse em alguns encontros internacionais realizados em Roma.

Osvino José Both e Arnildo Fritzen estiveram na ordenação e na primeira missa do amigo Urbano na Alemanha.

Lembrança (frente) da primeira missa do Padre Urbano guardada com carinho por Valesca Maria Schneiders.

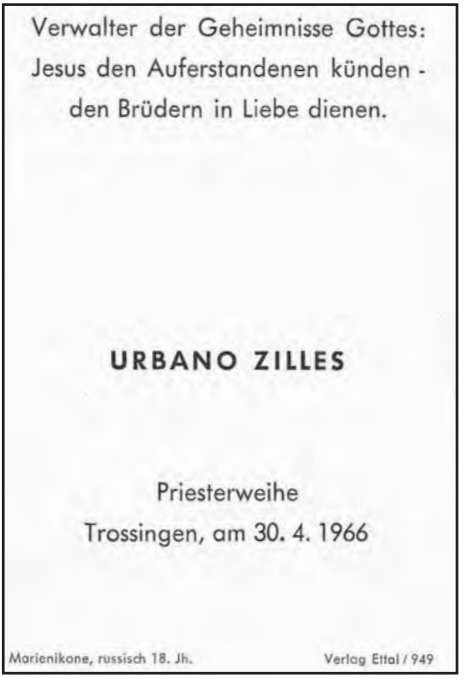

Schülerin
Miriam Grasel
São João - Itapiranga
Santa Catarina
Foto A[illegible]ukart
Trossing[illegible]
[illegible]arktplatz 13
[illegible]ürban, den 13. 5. 66.
Liebe Miriam!
Ich bin Deine Stimme auf
dem Tonband, die 10.000 km geflogen
ist mit dem Prinzigrin, der mir viel
Freude brachte. Recht herzlichen Dank
– Ja, Miriam, es ist wirklich, wirklich
wahr, nun bin ich Priester unter den
Menschen zu dienen.
Viele Grüße P. Urbano Zilles
PS: Es gibt ich am 1. Mai 1966.

No verso desta recordação, semelhante a um cartão-postal, Urbano escreveu em alemão um agradecimento à Miriam Grasel, de São João do Oeste, que gravou o poema e o enviou em uma fita cassete.

Durante o período de sua formação em Beuron, nas férias, Urbano trabalhava como monitor em colônias de férias. Neste registro, aparece com alguns dos garotos do acampamento de verão.

Sempre alinhado, Urbano Zilles optava por terno e gravata em vez de batina, revelando nos trajes a sua opção por uma carreira acadêmica.

Foto para a primeira carteira de trabalho na PUCRS.


Verwalter der Geheimnisse Gottes:
Jesus den Auferstandenen künden -
den Brüdern in Liebe dienen.

URBANO ZILLES

Priesterweihe
Trossingen, am 30. 4. 1966

Marienikone, russisch 18. Jh. Verlag Ettal / 949

O convite para a ordenação de Urbano Zilles foi distribuído entre os paroquianos de Trossingen.

Em São João do Oeste, o quarto de Urbano é mantido com carinho e cuidado pela família de seu irmão Inácio.

No armário, dezenas de livros guardados. Na parte interna das portas, Zilles colou selos de diversas regiões que visitou.

A fachada da casa dos Zilles, em São João do Oeste, foi construída por Felipe e os filhos. Urbano era o responsável pela pintura externa.

Katharina Deininger, da comunidade de Trossingen, foi a aia de Urbano na cerimônia na qual ele recebeu o sacramento da ordem.

A casa recebeu algumas modernizações, como energia elétrica e condicionadores de ar, mas preserva as características originais de sua construção.

O galpão, nos fundos da propriedade, hoje abriga ferramentas e animais, mas foi a segunda morada da família Zilles ao chegarem ao Oeste catarinense.

O recém-ordenado Padre Urbano com uma cuia de chimarrão nas mãos e os amigos que acompanharam a cerimônia em Trossingen. Arno Schuler (de gravata listrada) morador de São João do Oeste que participou das celebrações.

Urbano durante a cerimônia de ordenação em Trossingen.

O Padre Zilles, após a ordenação, deixa a igreja precedido pelos pajens.

O jovem seminarista Urbano Zilles.

# 3.

# EDUCAÇÃO COMO VOCAÇÃO

Com a sua formatura em Teologia e sua ordenação, o padre Urbano estava pronto para retornar. Foi quando recebeu do arcebispo de Porto Alegre, cardeal Dom Vicente Scherer, o convite para tornar-se professor do Seminário Maior de Viamão e na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

"Eu disse a ele que não teria problema desde que eu pudesse me preparar, fazer uma pós-graduação. O Cardeal concordou e me disse para escolher a universidade", conta.

O teólogo escolheu seguir os seus estudos em Münster, cidade alemã que fica a cerca de 600km de Beuron. O local reunia dois atrativos para que lá ele realizasse o seu doutorado em Teologia: além de ter onde ficar durante o período, a Universität Münster (Universidade de Münster) contava em seu corpo docente com nomes célebres como Joseph Ratzinger, Karl Rahner, Walter Kasper, Johann B. Metz, entre outros. Em 2005, Ratzinger foi eleito Papa, tornando-se Bento XVI. Seu papado se estendeu até 2013, quando abdicou.

Naquele tempo, padre Urbano já apresentava um programa semanal de rádio na *Deutsche Welle*. Com o pagamento pela realização do programa, ele conseguia manter-se em Münster. Depois de quatro

meses no ar, a emissora governamental solicitou a ele mais um programa sobre temas culturais.

"Eu ganhava muito bem pelos programas de rádio, mais do que como professor em tempo integral em uma universidade no Brasil", compara.

Do outro lado do Atlântico, pelas ondas curtas, o programa do padre Urbano era ouvido pela família. A recordação da família reunida em torno do rádio para tentar sintonizar a *Deutsche Welle* e ouvir a voz do primogênito é muito presente entre irmãos e sobrinhos. Era um hábito sagrado para Felipe e Verônica e uma maneira de matar a saudade em tempos em que ligações telefônicas eram raras.

Desde Beuron, ele escrevia artigos para revistas culturais publicadas no Brasil e em Portugal. As atividades e os estudos eram intensos, resultando em artigos e palestras, como a que realizou em 1964, na Sorbonne, em Paris. A fala do estudante de Teologia foi a respeito dos "Pioneiros e conquistadores", um paralelo entre os imigrantes americanos e os luso-espanhóis. Posteriormente, a aula proferida por ele foi publicada, em português, em uma revista editada pelos jesuítas em Porto Alegre, chamada *Estudos*.

Os textos de maior repercussão foram publicados pela *Revista Vozes*, editada pelos franciscanos em Petrópolis (RJ). Alguns eram considerados tão avançados que causaram bastante controvérsia, como foi o caso de um texto que escreveu sobre "dar ou não a comunhão na mão". O costume daquele tempo era que o padre ou ministro entregasse a hóstia diretamente na boca do comungante. Padre Urbano havia feito um estudo histórico sobre o ato de entregar

a hóstia consagrada na mão do comungante, o que, anos mais tarde, passou a ser adotado pela Igreja.

Outro tema que também gerou certa polêmica foi o do criacionismo e o evolucionismo. Ele havia publicado uma série de três artigos a respeito do padre jesuíta, teólogo, filósofo e paleontólogo francês Pierre Teilhard de Chardin (1881–1955) sob o título de "Teilhard de Chardin: uma visão evolutiva"; ora, o da teoria da evolução era um assunto tabu. Por causa dessa série, o escritor brasileiro Gustavo Corção (1896–1978), uma vez por mês escrevia um artigo reproduzido nos grandes jornais do país no qual citava o padre Urbano como um progressista, algo que o irritava.

"Ele dizia 'como pode um padre católico defender a evolução biológica?'", comenta.

A compilação de alguns textos radiofônicos que havia preparado para o seu programa na *Deutsche Welle* foram publicados em forma de livro no Brasil: *Uma Igreja em discussão* pela Editora Vozes e *Testemunho cristão hoje* pela Editora Paulus. Ambos chegaram às livrarias em 1969.

Por conta desses artigos e da negociação para a elaboração de um livro, recebeu em 1967 um convite do frei Clarêncio Neotti, editor da Vozes, para passar férias no Brasil. A viagem, a primeira realizada de avião, apesar de longa, foi bastante tranquila. Ao chegar, foi direto a São João do Oeste rever seus familiares. E foi nessa oportunidade que celebrou a sua primeira missa em terras brasileiras.

A festa em São João foi tão grande quanto a que havia sido feita pela comunidade em Trossingen, na Alemanha. Se, em terras

germânicas, dois gaúchos pilchados, Osvino José Both – atualmente Arcebispo Emérito Militar do Brasil – e um outro jovem, Arnildo Fritzen, tinham cantado músicas do cancioneiro popular gaúcho aos alemães, no Oeste Catarinense não foi diferente.

Valesca Maria Schneiders, que participava do coral da cidade, lembra que o maestro Helmuth Körbes havia ensaiado diversas músicas para a celebração. A sobrinha de Urbano, Ana, foi escolhida para ser a aia do tio. Inácio, o irmão caçula do padre, lembra que a grande festa que havia sido programada pela família não foi atrapalhada pela chuva intensa que caiu naquele dia. Os vizinhos ajudaram a construir um telhado com lona e folhas de coqueiro. No cardápio, churrasco, gasosa (como era chamado o refrigerante) e cerveja para celebrar o neossacerdote.

Durante o mês em que ficou no Brasil, percorreu as capelas que existiam na paróquia de São João, celebrando uma missa em cada uma delas. Para aquela comunidade, ter um padre entre os seus sempre foi motivo de orgulho.

Durante a sua estada, ele também palestrou para os alunos da escola de São João, que, na época, já tinha o primário e o ginásio. O convite era para que falasse aos estudantes sobre a sua experiência na Alemanha. Depois de duas horas falando, abriu para as perguntas da audiência, que era de cerca de 400 alunos, além dos padres jesuítas da cidade, professores e da diretora da escola.

A primeira questão dos jovens foi a respeito da opinião do padre sobre homens barbudos e cabeludos. A pergunta lhe foi formulada por uma adolescente. Enquanto os colegas davam uma grande risada

e antes de ele responder, a diretora o alertou de que, no domingo anterior, o pároco havia pregado contra a moda. Ele viu que no palco no qual estava havia uma imagem de Cristo na qual era representado com barba e cabelos longos. "Se o cristão deve imitar e seguir Jesus Cristo, como é que vocês o veem nessa imagem? Cabeludo e barbudo", respondeu o padre, amplamente aplaudido pelos jovens.

A segunda pergunta foi sobre os trajes femininos. As calças haviam chegado com força ao guarda-roupa das mulheres, e os estudantes queriam saber a opinião do padre Urbano sobre as senhoras que usavam eslaque, como eram chamadas as calças femininas da moda naquela época. "Eu respondi que gostava de ver as mulheres bem vestidas, mas que não era perito em moda feminina e que deixava isso a cargo delas mesmas", deixando a sala sob os gritos de "o padre Urbano é o nosso padre".

## 3.1 Uma visita providencial

Na viagem de volta para a Alemanha, padre Urbano passou por um momento para o qual até hoje não tem explicação. Vivia em Porto Alegre, na rua Ramiro Barcelos, quase esquina com a rua São Carlos, no bairro Floresta, uma tia de nome Amália Schmidt, com quem até então não mantinha muito contato. Ela era viúva de Jacó, irmão de Felipe, que havia falecido ainda bem jovem, em Picada Café, vítima de tifo. Sem ter o que fazer antes do voo, ele decidiu saudar a tia.

"E ela não me deixou sair. Tive que ir até o aeroporto para transferir a minha passagem para o Rio de Janeiro para o dia seguinte. Ou seja,

em vez de chegar um dia antes do embarque internacional, cheguei no dia da viagem para a Alemanha", esclarece.

O seu retorno para Münster foi tranquilo, sem sobressaltos. Entretanto, dois meses depois, o padre recebeu uma carta de Inácio na qual pedia pronta resposta.

"Ele me escreveu dizendo que, se eu estivesse vivo, que respondesse logo, pois os nossos pais estavam preocupados".

Do que ele não tinha conhecimento era que o avião da Transbrasil no qual seria realizado o voo no qual embarcaria tinha caído em Curitiba (PR), morrendo todos os que estavam a bordo. Como não se tinha muitas informações em São João do Oeste, não se sabia se aquele era o voo no qual ele estaria. De pronto, ele escreveu uma carta avisando que estava bem e que havia ficado um dia a mais em Porto Alegre para visitar a tia.

## 3.2 Laços de amizade

Durante os três anos em que cursou o doutorado, o padre Urbano morou no colégio *Friedrichsburg das Schwestern der Göttlichen Vorsehung* em Münster (Irmãs da Divina Providência de Münster). Nessa escola viviam irmãs já idosas, algumas noviças e as internas: 40 meninas que estudavam Enfermagem e outras 40 noivas. Era um costume do local e da época que as jovens que se preparavam para o casamento ficassem durante um semestre na escola para terem aulas de Arte Culinária.

Além da escola, uma enorme construção situada na *Weseler Straße* (rua Weseler), havia uma horta e a casa do diretor, com refeitório

e três apartamentos. Na época, o diretor espiritual da congregação era o Monsenhor Karl Stindt.

Todas as manhãs, às 6h10, Urbano celebrava a missa para as irmãs, noviças e jovens. E depois seguia para a Universidade. Entretanto, nem todos os dias ele tinha aulas. Walter Kasper, seu orientador, o nomeou seu tutor – uma espécie de assistente –, e, assim, ele passou a substituir o mestre quando este necessitava ausentar-se. Além disso, nas quartas-feiras, o doutorando lecionava uma disciplina aberta a todos os estudantes da Universidade. Em média, essa turma recebia 120 estudantes a cada semana.

Certa vez, padre Urbano consultou os alunos sobre a possibilidade de cancelarem a aula da quarta-feira para que ele pudesse viajar ao sul da Alemanha e passar a Semana Santa e a Páscoa com amigos e auxiliar o pároco. Os estudantes prontamente concordaram, e foi feito o recesso antecipado. Na quarta-feira seguinte, ao chegar à Universidade, foi avisado pelos alunos que a sala já estava pronta para que ele recuperasse a aula perdida e a aula do dia. Uma diferença cultural que o surpreendeu positivamente.

Fato semelhante aconteceu no colégio da Divina Providência, onde ele vivia. Em uma terça-feira de carnaval, dez minutos antes de ele iniciar a celebração da missa, a madre, muito preocupada, bateu à porta do seu quarto. Ela queria a opinião do sacerdote sobre um pedido das alunas, pois, na ausência do Monsenhor Stindt – que estava em viagem –, ele era o substituto.

"As moças queriam fazer um baile de carnaval à noite. Eu espontaneamente disse que sim. E na quarta-feira de cinzas, lá estava ela

de novo na minha porta preocupada que o baile tinha ido até às 5h. Então respondi, brincando, que elas provavelmente teriam ido tomar banho e viriam para missa. E de fato, todas foram para a celebração. E as irmãs não entenderam mais nada", recorda, entre risos.

A casa das irmãs da Divina Providência também servia de local para estada de clérigos que estavam em visita a Münster. Foi o caso do então cardeal Karol Józef Wojtyła, que se hospedou na residência por três dias. Em 1978, Wojtyła foi eleito Sumo Pontífice, tornando-se Papa João Paulo II.

"Foi uma experiência interessante. Fazia companhia a ele nas refeições durante os três dias em que ficou hospedado na casa e nos intervalos. Ele era muito espirituoso, gostava de contar algumas piadas", relembra.

A casa das irmãs também recebia outras visitas. Uma vez por mês, reuniam-se lá os brasileiros que estavam estudando em Münster, cerca de 26 homens e mulheres. O cônsul-geral do Brasil em Düsseldorf, na Alemanha, também se fazia presente, juntamente com a esposa. Enquanto ela participava da missa celebrada pelo padre Urbano, o cônsul preparava a feijoada para o almoço. As saladas ficavam a cargo das freiras, auxiliadas pelas estudantes.

Entre a conclusão em Beuron e o início de seu doutorado, viveu uma das experiências mais interessantes que já teve como sacerdote. Um ex-colega de Beuron, monge beneditino, capelão do exército americano em uma base de Ludwigsburg, cidade próxima a Stuttgart, queria tirar um período sabático e lhe pediu que o substituísse em

suas tarefas na base militar nos finais de semana. Na casa na qual se hospedou vivia um casal: ele, oficial engenheiro, e ela, major da Inteligência. Entre as suas incumbências estava a de comparecer nas noites de sexta-feira, vestindo o colarinho, ao baile dos jovens juntamente com o *staff* da base. Na segunda festa, perguntou ao comandante o motivo de ele estar ali. O militar respondeu que a presença do padre era muito importante e transmitia respeito aos mais jovens. O contingente do quartel era bastante numeroso, e, nas celebrações dominicais, em inglês, a igreja ficava repleta. Chamou a atenção do padre Urbano a simplicidade de todos e a confiança que tinham nele. Tanto que, aos domingos, ele não se preocupava com o almoço, pois era sempre convidado a participar das refeições com a família de algum oficial, em casa ou em restaurantes.

Em uma certa noite, ele foi acordado pelo engenheiro às 4h, após este ter recebido um alerta pelo rádio. Eram tempos de Guerra Fria, e não se descartavam ataques com mísseis. Nessa madrugada, em especial, o anfitrião o convidou para que o acompanhasse em um abrigo subterrâneo de armamento bélico.

"Eu disse a ele que, como eu era estrangeiro, se me pedissem identificação, até poderia ser preso. Ele sugeriu que eu colocasse o colarinho e garantiu que, com ele, ninguém me pediria documentos", resume.

A sugestão do engenheiro foi bastante eficaz, pois, além de não pedirem seus documentos, ainda o saudaram ao reconhecê-lo como sacerdote.

## 3.3 Revolução nos costumes

Após concluir o doutorado, Urbano apresentou sua tese intitulada *Transzendenzerfahrung und Gnade bei Gabriel Marcel*, a respeito dos conceitos de transcendência e graça em Gabriel Marcel e Jean Paul Sartre. Com a aprovação da comissão examinadora, em julho de 1969, ele necessitaria aguardar ainda alguns dias até receber a titulação e o diploma para, enfim, voltar ao Brasil e iniciar suas atividades como professor. Aproveitou, então, o período para conhecer a Inglaterra. Embarcou em um trem que o levou até o porto e, de lá, seguiu de navio.

"Meu objetivo era conhecer Oxford e Cambridge. Me hospedei em Londres, visitei as duas universidades e ainda aproveitei para ver os locais onde os Beatles atuavam e viviam na cidade, na região de Piccadilly", resume Urbano, que estava interessado nas mudanças que os jovens estavam promovendo no mundo.

A viagem de regresso ao Brasil, em agosto de 1969, foi a bordo de um transatlântico muito semelhante ao que o tinha levado à Europa. O Brasil é que não era mais o mesmo: depois de sua partida, o governo do presidente João Goulart tinha sofrido um golpe militar e, desde 1964, os militares é que ocupavam o poder.

Um ano antes do seu retorno, em 1968, o mundo havia sido sacudido por uma série de movimentos jovens e estudantis que contestavam a política e os costumes. No Brasil, os protestos centravam-se no combate à ditadura militar. Em dezembro daquele ano, o Ato Institucional nº 5, o AI-5, havia cassado as liberdades individuais e dado poder aos militares para que punissem todos aqueles considerados inimigos do regime.

Foi nesse país já tão diferente que ele desembarcou em agosto de 1969. Na bagagem que trouxe consigo, tinha os mais diversos livros e anotações. A alfândega não queria liberá-los, dizendo que ele teria de aguardar 14 dias no Rio de Janeiro. Com data para apresentar-se para o trabalho na PUCRS, lembrou-se de uma carta que o cônsul-geral do Brasil na Alemanha, que residia em Düsseldorf, havia lhe entregado. O documento dizia que o padre deveria ser tratado no Brasil como um diplomata. Ao apresentar a correspondência, foi liberado em questão de meia hora, seguindo sua viagem para Porto Alegre.

Naquela época ainda não havia, no Brasil, a prática das pós-graduações *stricto sensu*, sendo poucas as universidades que as ofereciam muito em razão da falta de mestres e doutores entre os professores brasileiros. Logo, não havia uma regra para o reconhecimento de diplomas e documentações de quem havia estudado fora do país. Para validar seu título de doutor, foi necessário levar a documentação à Alfândega e obter o reconhecimento das assinaturas do reitor da Universidade e do prefeito de Münster pelo consulado brasileiro.

Em 19 de agosto de 1969, sua carteira de trabalho foi assinada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) como professor. Assim começou uma carreira de dedicação ao ensino, à ciência e ao conhecimento ainda hoje lembrada por alunos, professores e ex-colegas da Universidade. Logo foi nomeado coordenador do Departamento de Teologia Sistemática. Em 1972, passou a ser diretor do Instituto de Teologia e Ciências Religiosas.

## 3.4 Vida dedicada ao ensino

Os dias de padre e professor eram divididos entre o Seminário de Viamão, onde residia, e a Faculdade de Filosofia Nossa Senhora Imaculada Conceição (FAFIMC), em Viamão (município limítrofe de Porto Alegre), na qual era professor titular de três ou quatro disciplinas, mas lecionava apenas uma: História das Filosofias Contemporâneas. Naquela época, os seminaristas cursavam Filosofia em Viamão, na FAFIMC, e Teologia na PUCRS, universidade onde ele também atuava.

Foi na FAFIMC o primeiro contato que Dom Dadeus Grings teve com o trabalho do padre Urbano. Dom Paulo Moreto, atualmente bispo emérito de Caxias do Sul, era professor de Teologia e Filosofia naquele mesmo período e, segundo Dadeus, foi ele o autor do apelido pelo qual Urbano ficou conhecido entre os colegas discentes: Doutor. "Quando se falava 'o Doutor', todo mundo entendia que era o Urbano, embora houvesse muitos outros doutores entre os professores", conta Dom Dadeus, entre risos.

Naquele período, o ensino de Teologia e Filosofia era ministrado em português; entretanto, a bibliografia existente era em latim, idioma no qual Urbano, Dadeus e tantos outros padres e professores haviam sido educados. Por conta da carência de referencial teórico em português, Dadeus, Urbano e o padre Johan Konings – um teólogo belga – foram reunidos em torno do objetivo de elaborar uma coleção de subsídios – como eram chamados os textos resultantes das aulas proferidas. Urbano, que lecionava Teologia Dogmática ao segundo e terceiro anos de Teologia, e Dadeus, que atendia ao quarto ano, escreveram sobre esse tema. Os materiais sobre Teologia

Fundamental eram redigidos pelo titular da disciplina, Irineu Sílvio Wilges, atualmente bispo emérito de Cachoeira do Sul. E a Konings cabia a preparação dos materiais sobre a Sagrada Escritura, assunto no qual é especialista.

Naquele momento da história brasileira, a carência de mestrados e doutorados no país ocasionou a criação, por lei, dos Programas de Livre-Docência. Assim, professores dos cursos de graduação que tivessem cinco anos ininterruptos de docência na universidade poderiam habilitar-se, devendo realizar prova oral e escrita, um exame didático, um concurso de títulos e produção, e elaborar uma dissertação. A realização de todas essas fases garantiria a aprovação de título equivalente ao de doutor, e, assim, poderiam também ensinar em programas de pós-graduação. A mesma lei previa que os examinadores seriam cinco doutores e, como não havia muitos no Rio Grande do Sul, Urbano foi convocado a integrar bancas dos concursos realizados pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e também na PUCRS. Ao final do primeiro ano, ele havia participado de 43 bancas.

Em 1972, a PUCRS decidiu abrir um mestrado em Letras. Os avaliadores designados pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) para autorizar as atividades do curso, provenientes da Universidade do Estado de São Paulo (USP) e da Universidade de Campinas (Unicamp), em visita à PUCRS, quiseram saber se havia algum doutor lecionando em área afim na universidade. Urbano então foi chamado, conversando com eles por mais de uma hora, contando sobre a sua formação na

Alemanha, os temas que havia estudado e as disciplinas cursadas. Ao final da conversa, sem saber, ele havia sido credenciado para dar cinco disciplinas no mestrado: Semântica, Semiótica, Teoria do Conhecimento, Filosofia da Linguagem e Teoria da Comunicação. E o curso foi credenciado.

Naquele mesmo ano, em uma noite em que estava no Seminário de Viamão, ele recebeu um telefonema. Do outro lado da linha, o interlocutor se apresentou como o então reitor da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), José Mariano da Rocha Filho, interessado em marcar uma conversa para o dia seguinte.

"No outro dia chegaram o reitor, pró-reitores e diretores da UFSM no meu gabinete na PUCRS, às sete horas da manhã. Eles haviam criado um programa de mestrado em Filosofia e queriam me pedir para que eu orientasse as dissertações. Disse a eles que, por conta das aulas que já tinha assumido, eu só poderia ir à Santa Maria nas sextas-feiras à noite e dar as aulas nas manhãs de sábado", lembra Urbano que, todos os finais de semana, percorria de carro mais de 600km para ir e voltar do município da região central do estado, ainda por São Sepé.

Na sua primeira viagem a Santa Maria, descobriu que não havia nenhum professor para dar aula aos 15 estudantes selecionados. Havia apenas um mestre habilitado, que dava a disciplina de Metodologia aos alunos. Coube a ele aplicar todas as demais matérias àquela primeira turma. Além disso, orientou todas as dissertações dos concluintes. Assim, de 1972 a 1978, Urbano foi professor titular da UFSM, conciliando mais uma atividade acadêmica dentro de sua rotina.

Ele também foi chamado para lecionar no curso de Teologia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, em São Leopoldo, cidade distante 40km de Porto Alegre. Os jesuítas o convidaram a substituir o padre Paulo Fonseca, que havia sido seu professor de Desenho Geométrico no Kappesberg, em Salvador do Sul. Os alunos do curso, entre eles seminaristas e leigos, haviam se rebelado contra o professor. A primeira resposta de Urbano foi negativa, pois não queria substituir um mestre seu. Diante de um segundo pedido, disse que só o faria se essa solicitação viesse do próprio padre Paulo. Depois de uma conversa entre os dois e o provincial, tornou-se professor da universidade jesuíta durante cinco anos, até que o curso de Teologia foi transferido pelos padres para Belo Horizonte (MG).

Foi nesse período que Zilles conheceu o professor Antonio Mario Pascual Bianchi, então vice-diretor da Faculdade de Matemática da PUCRS, onde Zilles também lecionava disciplinas do chamado currículo básico, existente na época e comum a todas as graduações oferecidas pela Universidade.

## 3.5 Um rumo certo

Dom Vicente Scherer acreditava que os padres que eram professores, assim como na Europa, não deveriam ter outras ocupações e apenas auxiliar em paróquias nos finais de semana. Assim, Urbano, que lecionava na PUCRS, Unisinos, UFSM e FAFIMC, foi convidado a atender como capelão o Colégio Stella Maris da Congregação das Irmãs do Imaculado Coração de Maria, a casa de retiros das Irmãs Missionárias de Jesus Crucificado, durante a semana, e, aos domingos,

em uma comunidade próxima da Escola Técnica Agrícola no Passo do Vigário, em Viamão. Entre 1980 e 1982, residindo em Porto Alegre, auxiliou aos finais de semana nas missas da Paróquia São Pedro, no bairro Floresta, em Porto Alegre. Em muitos finais de semana, entre 1976 e 1980, ele pegava a estrada rumo a São João do Oeste para rever a família e substituir os sacerdotes nas celebrações da Matriz.

Poucos movimentos da Ação Católica ainda funcionavam no início dos anos 1970. Entre as décadas de 1930 e 1960, essa organização teve como objetivo formar leigos para colaborar com a missão da Igreja. No Brasil, a Juventude Agrária Católica (JAC), a Juventude Estudantil Católica (JEC), a Juventude Operária Católica (JOC) e a Juventude Universitária Católica (JUC) movimentaram a cena religiosa e política do país. Mas, em meados da década de 1960, a perda de interesse dos jovens e as restrições impostas pelo AI-5 fizeram com que esses grupos fossem gradualmente perdendo força até deixarem de atuar.

Nesse cenário, surgiu em São Paulo, por iniciativa do Monsenhor Benedito Mário Calazans, um movimento voltado a jovens universitários que, em fevereiro de 1972, recebeu o nome oficial de Emaús. Ex-embaixador do Brasil em Roma, ex-deputado estadual, federal e ex-senador por São Paulo, o Monsenhor Calazans havia deixado a política para dedicar-se à criação desse movimento para estudantes universitários que visava à evangelização dos jovens pelos jovens.

Em 1972, Dom Vicente Scherer enviou Dom Antônio do Carmo Cheuíche, então bispo auxiliar de Porto Alegre, o padre Florindo, que era do Movimento do Cursilho da Cristandade do Brasil, para conhecer a iniciativa do Monsenhor Calazans. Favoráveis à ideia de que se

realizassem os retiros do novo movimento em Porto Alegre, os dois comunicaram o bispo, que chamou o padre Urbano para ser diretor espiritual. "Eu não sabia muito bem do que tratava o movimento de Emaús. Assim, montamos o primeiro secretariado e, em maio de 1973, realizamos o primeiro curso de Emaús", relata.

Aquele primeiro retiro foi realizado no mês de maio, na casa de retiros Medianeira do Círculo Operário. As 41 meninas foram recepcionadas na noite de domingo pela comunidade na igreja Nossa Senhora da Pompeia, no Centro de Porto Alegre, mesmo local de onde haviam partido na quinta-feira. Os cursos seguintes iniciaram na paróquia da Pompeia, mas o encerramento era realizado na paróquia São Pedro, no bairro Floresta, e, depois, na paróquia Sagrada Família, no bairro Cidade Baixa.

Para realizar esse primeiro retiro, foram convidados dirigentes do Emaús de São Paulo e o Monsenhor Calazans. Participaram, além de Urbano, o padre Altamiro Rossato – ordenado bispo em 1986 e arcebispo de Porto Alegre entre 1991 e 2001 – e o padre Zeno Hastenteufel, atual bispo de Novo Hamburgo.

Auxiliar na paróquia São Pedro, padre Zeno organizou um retiro, em 1974, para os crismandos, um costume daquela comunidade. Ele utilizou o manual do Emaús e aplicou a metodologia e os cantos no retiro, que também reuniu jovens da paróquia Sagrada Família. Urbano participou do encontro palestrando sobre Jesus Cristo. A avaliação dos jovens foi tão positiva que quiseram manter a regularidade dos encontros, fundando o Curso de Liderança Juvenil, o CLJ.

A iniciativa do padre Zeno acabou por render discussões, pois os direitos autorais do manual e dos cânticos estavam registrados como exclusivos do Emaús e, por não terem solicitado autorização para usá-los, o Monsenhor Calazans queria processá-los. Consultado sobre a situação, padre Urbano se posicionou:

"E eu tomei a posição de que, se faz bem, proibir por quê?"

Com o passar do tempo, o Emaús acabou por modificar alguns temas, mantendo a essência da sua metodologia e incorporando novas canções.

Mesmo com tantas atividades acadêmicas, Dom Vicente Scherer queria que o padre Urbano assumisse como diretor espiritual o CLJ, o Emaús e o Cursilho, como um caminho de três etapas: o CLJ voltado para a adolescência (jovens entre os 14 e 18 anos), o Emaús, para a juventude (entre os 18 e 26 anos), e o Cursilho, focado na vida adulta.

"Lutei por dois meses para convencer o cardeal de que os movimentos tinham públicos, objetivos e carismas diferentes e que não poderiam ser dirigidos por uma mesma pessoa", explica Urbano, que fora nomeado diretor espiritual do Emaús.

## 3.6 Ação de evangelização

À frente do movimento, ele organizou o secretariado e os cursos seguintes. Além disso, todas as quintas-feiras acontecia na igreja da Pompeia a Escola Missionária. As aulas iniciavam às 20h30min e se estendiam até às 22h. A partir desse horário eram celebradas as missas do movimento. Muitos estudantes universitários se juntavam

ao grupo, que, uma vez encerrada a celebração, seguia pelos bares e sorveterias para confraternizar.

As atividades com o Emaús e com as universidades preenchiam a rotina do padre e professor, que ainda residia em Viamão. Preocupado com o vai e vem do jovem padre, que também participava de reuniões dos grupos do Emaús em algumas noites, o cardeal Scherer sugeriu que ele morasse em Porto Alegre. O convite partiu do padre Rosendo Atik, e, em 1975, Urbano mudou-se para a paróquia Nossa Senhora do Líbano, no bairro Santana.

"Morei lá por um ano. E não dava para descansar, por conta do barulho e do movimento nos prédios vizinhos. Sem falar na campainha, que tocava a altas horas da noite. Eram os jovens do Emaús que saíam da aula nas faculdades e passavam na igreja para confraternizarmos. O padre Rosendo não entendia como eu podia sair às 22h30 com a gurizada para um bar ou tomar um sorvete", justifica ele, que, aos 38 anos, decidiu voltar a morar em Viamão.

Naqueles primeiros anos, o Emaús chegou a realizar até seis retiros no ano com cursistas provenientes da região metropolitana, do Vale dos Sinos, Gramado, Canela, Tapes, Camaquã, Palmares do Sul e São Jerônimo, e de municípios do litoral norte. Além de Altamiro Rossato e do padre Zeno Hastenteufel, o padre Paulo Fonseca, o cônego Nejar, o frei Rovílio Costa, o Monsenhor Severino Brum e os padres da igreja Nossa Senhora da Pompeia dividiam com ele as preparações, palestras e confissões. Os candidatos, em geral, eram provenientes das universidades, alguns até encaminhados pelas pastorais. Em alguns retiros havia mais de 400 candidatos inscritos,

e era preciso selecionar os que participariam. A procura era tamanha que, na noite da partida, havia quem fosse de malas prontas à espera de uma desistência. De Porto Alegre, o Emaús foi levado para as dioceses de Santa Cruz do Sul, Pelotas, Caxias do Sul, Osório e Frederico Westphalen e para Florianópolis (SC).

"Eu o conheci por ocasião do 10º Emaús de Porto Alegre, no qual fui cursista. Éramos uma turma muito ruidosa, que fazia muitas brincadeiras das quais ele não gostava muito. Certa vez, em um dos retiros, roubamos o sino da casa da Medianeira, onde eram realizados os encontros. Foi muito engraçado vê-lo bravo. Dessa convivência surgiu uma grande amizade que perdura até hoje", destaca Ricardo Malcon, cônsul honorário do Líbano no Rio Grande do Sul, que acrescenta: "Nos reunimos para almoços ou jantares e falamos longamente sobre religião, Antiguidade, sobre cultura. O Padre Zilles é um homem muito culto. E, por tal, ele é uma pessoa interessantíssima de conversar. Poderia afirmar que ele é um embaixador do mundo em Porto Alegre".

Marcaram bastante a memória de Urbano os encontros festivos que eram promovidos pelos jovens do Emaús. As *maranathas*, na época ainda chamadas de *ultreias*, eram realizadas em sítios e chácaras nas cidades vizinhas à capital ou até mesmo na sede da Associação de Pais e Mestres do Marista Rosário (Apamecor). Aos sábados à tarde, o Emaús organizava uma missa na capela da PUCRS. E no final do ano, era realizada uma *ultreia* conjunta, reunindo os participantes do Cursilho, do CLJ e do Emaús.

"Fazíamos um torneio esportivo durante o dia, depois um almoço, e encerrávamos com uma missa, à tarde", lembra.

## 3.7 Quebrando paradigmas

Naqueles anos da década de 1970 ainda era hábito escrever cartas para se comunicar, mesmo que a distância entre o Seminário de Viamão e a Cúria Metropolitana não fosse tão extensa. Após a sua volta ao Seminário, depois de deixar a residência da paróquia Nossa Senhora do Líbano, Zilles recebeu uma carta do arcebispo e amigo Dom Vicente Scherer. Redigido à mão, no documento lhe era solicitado que considerasse uma nova mudança para Porto Alegre em virtude de sua necessidade de deslocamento para a PUCRS e para os compromissos do Emaús. Dom Vicente fez ainda algumas ponderações. Ele achava que não seria prudente que Zilles morasse em uma casa paroquial, pois poderia ser chamado a toda hora para atender a comunidade, restando-lhe pouco tempo para os estudos. Também não achava prudente que residisse numa casa de religiosas, pois acreditava que elas o demandariam tanto quanto os paroquianos.

Frente à sugestão de Dom Vicente, Zilles passou a procurar um apartamento para morar, algo que não era tão comum entre os clérigos brasileiros naqueles anos. Nessa busca, em 1976, encontrou o apartamento da rua São Manoel, no bairro Santana, no qual reside até os dias de hoje.

"Fiz o financiamento com a Caixa Estadual na sexta-feira e, na segunda, o arcebispo me procurou para saber se eu já estava instalado e se poderia me visitar", recorda Zilles.

Conforme o acertado, à noite de uma segunda-feira, Dom Vicente chegou ao apartamento do 4º andar acompanhado de seus bispos

auxiliares e alguns padres. Ele saudou a todos e deixou claro que havia consentido que Zilles se mudasse para o local.

"Dom Vicente acha isso muito bom, pois defendia que não era possível ser professor e ficar em uma paróquia ao mesmo tempo, pois é necessário dividir a sua atenção e dedicação. Recordo de ele brincar ao dizer que, numa situação dessas, os estudos podem ser interrompidos por uma criança que vinha à paróquia apenas para pedir um santinho. E essa distração atrapalha o trabalho profundo do pesquisador", conta Dom Dadeus que conviveu com Dom Vicente e observou a ida do padre Urbano para o apartamento da Rua São Manoel. Ali também aconteciam encontros e jantares de seminaristas, assim como jogos de baralho (canastra). Dom Antônio Cheuíche vinha quase semanalmente ao apartamento para conversar e jantar.

A partir de então, o padre Urbano passou a ter uma experiência que define como uma das "mais interessantes" de sua vida.

"Achei muito positivo eu poder morar ali e viver a vida real. Você passa a conviver com os vizinhos, ver os problemas que as famílias têm. Eu diria que se é mais responsável, no sentido de que se tem que cuidar de tudo. Se não tem o que comer, tem que fazer ou comprar e tem de pagar as contas, coisas que numa casa paroquial ou no seminário outros fazem. Foi muito proveitoso, tanto assim que nunca saí daqui", resume.

No primeiro domingo na nova casa, Zilles saiu cedo para celebrar a missa que era transmitida pela TV Difusora (ou Canal 10, como era mais conhecida a emissora pertencente aos frades capuchinhos). Os estúdios, localizados no morro Santo Antônio, onde atualmente

fica a TV Bandeirantes de Porto Alegre, ficavam a um pouco mais de um quilômetro do apartamento. Ao voltar para casa, após a missa, Zilles foi surpreendido pelos vizinhos, que o aguardavam no *hall* do prédio. O zelador, que havia assistido à celebração pela televisão, tinha batido porta a porta para avisar que o novo condômino era um padre e que estava na TV.

A partir de então, estabeleceu-se um laço de amizade e confiança entre Zilles e os outros moradores do prédio. Em frente à porta do apartamento do sacerdote vivia o professor universitário Hélio Mauro Moreira Maia, sua esposa, Lia, e os dois filhos do casal. Com Maia, Zilles estabeleceu uma relação de amizade das mais duradouras e fiéis. "Eles se identificavam muito. Passavam horas na sala do apartamento de Zilles fumando cachimbo e conversando sobre ciência, religião, fé, filosofia. Eram grandes amigos", lembra Lia.

No apartamento ao lado do que é residência de Zilles, mora José Richter Neto. Também morador antigo do prédio, José recorda com saudade as festas de final de ano que ocorriam no condomínio. Por ocasião do Natal, o padre celebrava uma missa na recepção do prédio seguida de uma confraternização com churrasco nos fundos do terreno, da qual todos participavam. Nos finais de tarde das segundas-feiras, Zilles recebia os vizinhos para um *happy hour* enquanto as mulheres se reuniam no apartamento em frente, acolhidas por Lia Maia.

Até hoje José frequenta o apartamento para as "celebrações", como Zilles chama o ritual com cachimbo e fumo irlandês acompanhado de uma dose de uísque. Os dois são compadres, pois Zilles é padrinho de Ana Roberta, filha caçula do amigo.

Entre 1989 e 1990, Maia, Lia e os filhos mudaram-se para Manchester, na Inglaterra, para que Maia pudesse realizar uma especialização em Engenharia Genética no *University of Manchester Institute of Science and Technology*. A família recebeu a visita de Zilles por 15 dias, período em que ele aproveitou para colocar as conversas em dia e visitar a Universidade de Cambridge.

O falecimento de Maia, em 2004, foi um dos momentos nos quais os amigos e familiares observaram Zilles mais abatido. Lidar com a morte de pessoas queridas é um dos seus pontos fracos. O mesmo aconteceu quando das mortes de Felipe e de Verônica, seus pais, ocorridas em 10 de dezembro de 1983 e 13 de setembro de 1998, respectivamente.

## 3.8 Companhia e incentivo

Para ajudá-lo nas tarefas domésticas, Zilles buscou em Itapiranga (SC) a sobrinha mais velha, Ana. A menina, que estava por completar o ginásio, aceitou o convite para vir auxiliar o tio nas atividades de casa e, principalmente, continuar os estudos. Ela conta que o tio foi um grande incentivador para que os sobrinhos seguissem os estudos. Quando vivia na Alemanha, Zilles enviava cartões para saber como estavam e questionava sobre o desempenho na escola e o comportamento em família. Ele também mandava livros e revistas para que eles se mantivessem atualizados.

Ana era a sobrinha que tinha maior convívio com Urbano. Na casa de Verônica e Felipe, os quartos dos dois ficavam lado a lado. As conversas entre tio e sobrinha perpassavam as paredes de madeira

que separavam os cômodos e seguiam noite adentro e, por isso, as férias eram muito aguardadas. Os diálogos entre os dois renderam muitas risadas ao casal Felipe e Verônica, que dormiam em um quarto próximo.

A mudança de Ana para Porto Alegre aconteceu em 1978, ano em que ela começou o segundo grau na Escola Padre Rambo. Os dois saíam de casa cedo, ele a deixava na escola e seguia para a PUCRS. O tio voltava para casa ao meio-dia para almoçar com Ana e depois retornava para a universidade. À tarde, ela cuidava da casa e estudava.

Ana ficou na casa do tio por 11 anos. Após o segundo grau, ele levava para ela revistas e livros como o *Guia das Profissões* para que ela escolhesse o curso para o qual gostaria de prestar vestibular. Aprovada no vestibular de História da PUCRS, ela graduou-se em três anos e meio. Dessa época, Ana guarda a lembrança de ter dividido o tio com as colegas de turma.

"Quando souberam que eu era sobrinha dele, todas começaram a se apresentar do mesmo modo. E até hoje, quando nos falamos, elas recordam do tio emprestado que tiveram", alegra-se Ana.

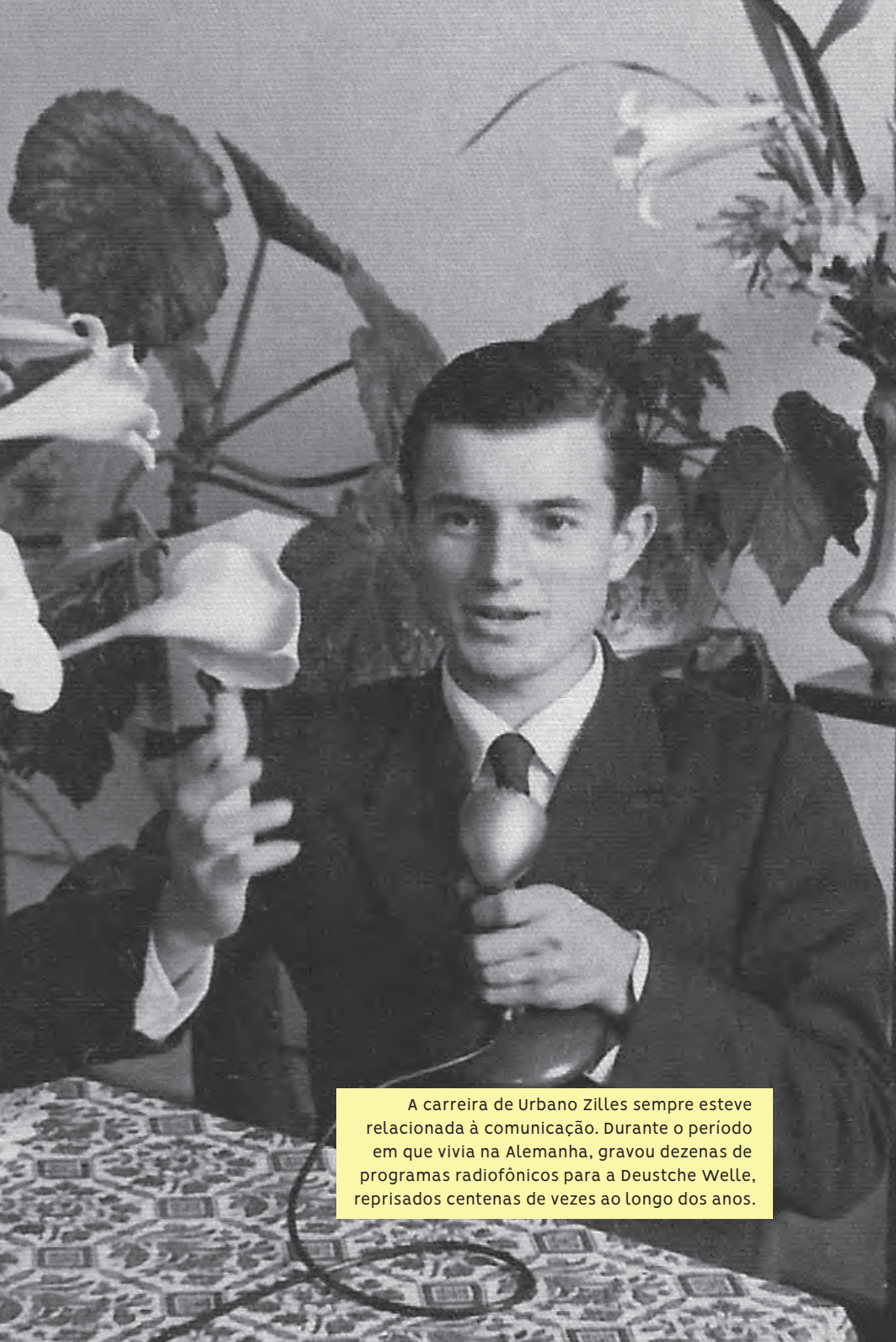
Depois de três meses lecionando no Colégio Bom Conselho, substituindo outra professora, ela foi convidada pelo tio para organizar a secretaria do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da PUCRS, depois de alguns funcionários se demitirem após uma greve, em 1986.

Além de Ana, as outras sobrinhas Maria Zilles, Síria Zilles, Adriane Kemper e as primas Luciana Schneider e Mariana Schneider se sucederam no posto de "escravas", como ele carinhosamente apelidou

as meninas, ironizando o título de secretária dado pelos vizinhos às empregadas domésticas.

Outra lembrança frequente entre as sobrinhas é a das viagens de carro, sempre da montadora Volkswagen, para São João. A velocidade com que ele costuma dirigir os veículos até hoje é motivo de advertência por parte delas.

"Houve um período em que não se conseguia encontrar no trajeto postos de combustíveis abertos aos finais de semana. Então, para não ficar com o tanque seco, ele levava um galão de gasolina no porta-malas da Brasília azul que tinha. E as paradas, sempre rápidas, para um lanche também eram usadas para reabastecer o carro", destaca Ana.



A carreira de Urbano Zilles sempre esteve relacionada à comunicação. Durante o período em que vivia na Alemanha, gravou dezenas de programas radiofônicos para a Deustche Welle, reprisados centenas de vezes ao longo dos anos.

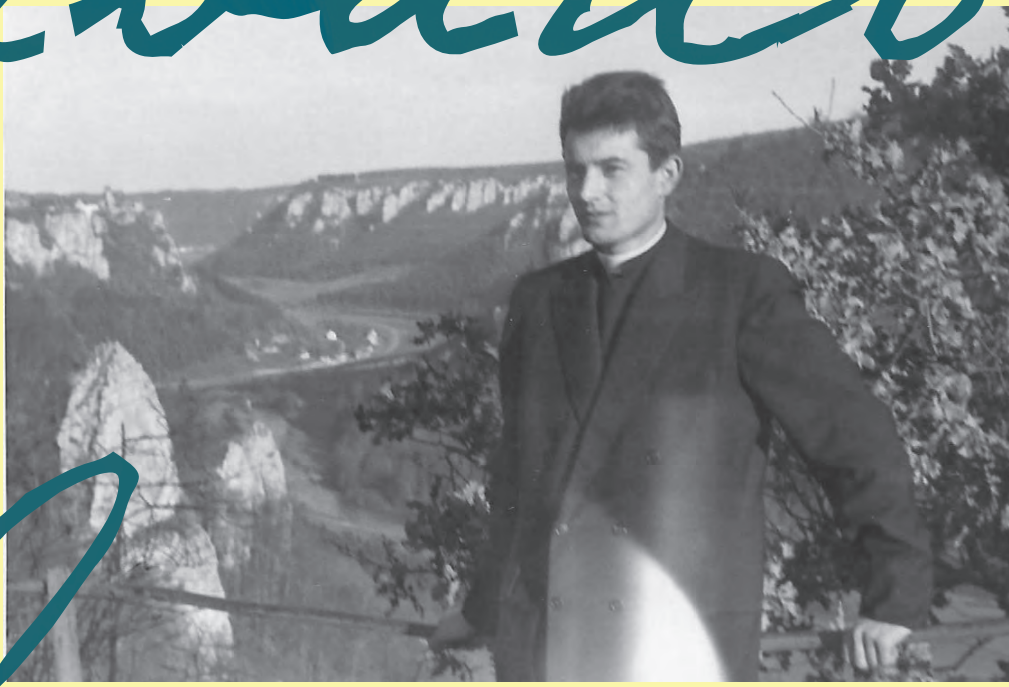
A sobrinha Ana Zilles foi a aia do tio Urbano em sua primeira missa no Brasil, em 1967.

O Padre Urbano em sua função de tio, com a sobrinha Ana no colo, depois da primeira missa em São João do Oeste.

Os carros da Volkswagen sempre foram uma paixão de Urbano. Um Fusca era o seu companheiro em 1969, no retorno ao Brasil.

Zilles, em um momento de esportista, praticando esqui no inverno europeu.

# Urbano

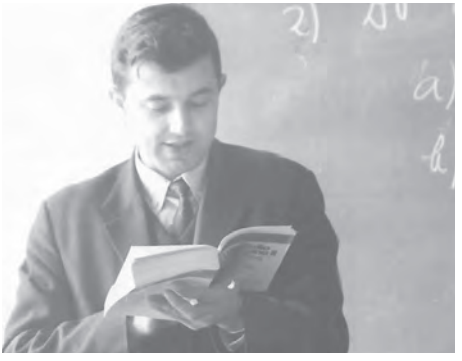


O Padre Urbano em um passeio no
Vale do Danúbio, próximo a Beuron.

# Nes

O Padre Urbano Zilles entre o pai, Felipe, e a mãe, Verônica, por ocasião da sua primeira missa em São João do Oeste.

Durante o doutorado em Münster, o Padre Urbano Zilles residia no colégio Friedrichsburg das Schwestern der Göttlichen Vorsehung (Irmãs da Divina Providência de Münster).



De volta ao Brasil, Urbano Zilles passou a lecionar na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

Durante sua visita a São João do Oeste, em 1967, Urbano Zilles foi convidado a integrar a mesa oficial da formatura do Ginásio da localidade, ainda distrito de Itapiranga. Foi o Paraninfo da turma. O Dr. Mario Pretto foi o homenageado.

O hábito do fumar cachimbo foi apresentado a Urbano pelo pároco de Trossingen, Anton Deininger.

Urbano em meio às alunas da PUCRS.
Lecionou em diversos cursos da
universidade gaúcha.

Zilles foi um dos palestrantes do Simpósio de Filosofia realizado na PUCRS em 1978.

Ao final dos semestres, as aulas de Zilles eram celebradas com confraternizações.

Na varanda da casa dos Zilles, em São João do Oeste, Urbano e a mãe, Verônica, conversam em meio às tragadas do seu cachimbo.

A partir de 1976, Urbano Zilles passou a residir no condomínio Ilana, na rua São Manoel. Nesta foto, um dos registros das missas de Natal que o morador celebrava com a presença dos vizinhos.

Padre Urbano em uma das paradas na estrada (em Carazinho) indo para São João do Oeste na companhia da irmã Horana.

Sempre na companhia do cachimbo.

Como professor da FAFIMC, Zilles participava dos encontros com os alunos.

Urbano Zilles durante uma sessão de autógrafos de um dos seus livros.

# EMBAIXADOR DA CIÊNCIA E DO CONHECIMENTO

Os trabalhos e as pesquisas que Urbano Zilles desenvolvia estando na direção da Faculdade de Teologia e, depois, de Filosofia, fizeram com que ganhasse notoriedade nessas áreas de conhecimento. Durante a década de 1970 surgiram diversos convites para que ele participasse de eventos em todo o Brasil e em alguns lugares do mundo. Foi convidado a integrar a Comissão de Teologia da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).

Em diversas ocasiões, foi convidado a falar juntamente com o professor Isidoro Blikstein, da Universidade de São Paulo (USP). Em um encontro ocorrido no antigo Estádio Joaquim Américo Guimarães, do clube Athletico Paranaense, em Curitiba, no Paraná, ambos fizeram palestra sobre semiologia e comunicação para estudantes universitários. Mas uma das maiores audiências que congregou cerca de 20 mil pessoas foi a que compareceu ao Estádio Governador Magalhães Pinto, o Mineirão, em Belo Horizonte, Minas Gerais, para ouvi-lo falar sobre fé e ciência, numa promoção do Emaús de Belo Horizonte, em 1975.

"Aquele era o tempo do regime militar, e os jovens buscavam um lugar para expressarem-se. Era como se fossem os *shows* de hoje

em dia", explica, ressaltando que a Teologia tratava de assuntos do interesse do povo naquela época.

As falas do teólogo e filósofo também tinham espaço em cursos de especialização destinados a professores universitários das mais diversas áreas do conhecimento, tanto de universidades públicas quanto de instituições privadas, do extremo norte ao extremo sul do país. Esses encontros, que chegavam a reunir cerca de 200 acadêmicos, eram realizados em São Paulo no período das férias e supriam uma carência de cursos de pós-graduação para docentes brasileiros.

Os temas tratados por ele também eram de interesse do clero e dos reitores. Por isso, em mais de uma oportunidade ele foi convidado a falar aos gestores das universidades em seminários realizados pelo Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras (CRUB), em Salvador, Bahia, e em Belo Horizonte. Essas palestras foram reunidas em livro sob o título *Função humanizadora da Universidade*, publicado em 1978 pela Editora da Universidade de Caxias do Sul (UCS).

"Lembro uma palestra que fiz em Lages aos bispos e provinciais de Santa Catarina e Rio Grande do Sul que iniciei dizendo que a secularização era uma moda que já passou, em vista da explosão religiosa que estava ocorrendo, sobretudo entre os neopentecostais como a Igreja Universal do Reino de Deus. Nunca na história se viu criarem tantas religiões", ressalta.

## 4.1 Contato com novas culturas

O seu conhecimento sobre Teologia e Filosofia oportunizou o convite para que, em 1975, Zilles palestrasse no encerramento do

Encontro Mundial da Federação Internacional das Universidades Católicas (FIUC), realizado na capital da Índia, Nova Déli. Nos 20 dias em que permaneceu no país, Zilles visitou Agra, cidade a 220km da sede do encontro, onde está localizado o Taj Mahal. Coube a ele a conferência de encerramento.

Na véspera da reunião internacional, bispos e um cardeal participante do congresso celebraram uma missa com público indiano, na catedral, e esbarraram em uma dificuldade: nenhum deles sabia celebrar em inglês. O único que sabia conduzir a celebração em inglês era Zilles, que havia sido capelão do Exército americano, em Ludwigsburg, na Alemanha. Por isso, foi convidado a presidir a missa, sendo auxiliado por bispos, algo pouco comum.

Três anos mais tarde, Zilles voltou para a Índia, como delegado do Vaticano, dessa vez hospedando-se em Bangalore, no sul do país, para o Conselho Mundial das Igrejas Cristãs. Zilles era um observador convidado, uma vez que a Igreja Católica Apostólica Romana não integra o Conselho, formado por mais de 200 instituições, como membro. Nesse evento, chamou a atenção do padre a importância que as demais instituições conferiam à Igreja Católica, pois, naquela ocasião, ocorria o conclave para eleição do sucessor do Papa Paulo VI.

Zilles recorda que foi recolher-se enquanto os demais congressistas estavam curiosos em frente aos televisores e rádios acompanhando as informações sobre a escolha do novo Papa. Na manhã de 26 de agosto, ele foi acordado por batidas na porta do quarto às 6h. Eram os monges de Taizé, na França, participantes do encontro, que

queriam contar sobre a fumaça branca, sinal de que o novo líder da Igreja Católica havia sido escolhido: Papa João Paulo II.

"Isso me mostrou como o Papa é uma referência também para as igrejas cristãs não católicas", pondera Zilles.

## 4.2 Dedicação ao clero

O reconhecimento em relação à obra de Zilles e aos estudos que ele vinha desenvolvendo foram fundamentais para que, em 1980, ele participasse de um encontro do Conselho Episcopal Latino-Americano (Celam) realizado no Centro de Retiros Sumaré, no morro do Sumaré, no Rio de Janeiro (RJ), para bispos latino-americanos. A reunião contou com falas de um professor francês e do cardeal Joseph Ratzinger, ex-professor de Zilles em Münster. A palestra proferida por Zilles, intitulada "Ressurreição de Cristo: como interpretá-la e anunciá-la", foi publicada pelo Celam em 1981, em forma de livro.

Durante os dias do encontro, o então arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Eugênio Sales, pediu a Zilles que acompanhasse o cardeal Ratzinger nos diversos momentos do encontro, pois o padre brasileiro era fluente no idioma alemão.

Anos depois, Zilles foi convidado por Dom Eugênio a retornar ao Rio de Janeiro para falar em uma série de quatro retiros destinados ao clero fluminense. Nos encontros, foram reunidos 14 bispos e cerca de 600 padres.

Zilles também foi chamado por Dom Paulo Evaristo Arns, então arcebispo de São Paulo (SP), para dirigir um retiro destinado aos padres da Arquidiocese. O mais marcante nesse encontro, lembra ele,

foi a carona – com alguns sobressaltos – que recebeu do Monsenhor Benedito Mário Calazans até a casa de retiros, pois ele dirigia muito mal e fez questão de dar a carona.

O professor e padre também era chamado para palestrar para os seminaristas. O padre Leandro Miguel Chiarello, atualmente ecônomo do Colégio Pio Brasileiro, em Roma, lembra uma dessas audições, quando era interno no Seminário de Gravataí.

"Eu já havia ouvido uma pregação dele na paróquia São Geraldo. Depois tive a oportunidade de fazer e trabalhar nos cursos de Emaús e pude conhecê-lo melhor. Mas o que mais me aproximou dele foi o fato de ter sido colega por oito anos do sobrinho dele, o Dionísio Kemper. O Zilles o visitava e conversava com os seminaristas, inclusive eu", revela o padre Leandro, ressaltando a admiração que todos sentiam pelo padre e pela carreira que o filósofo e teólogo construiu.

"Isso foi uma vantagem para ele, que nunca teve o seu ser sacerdotal diminuído. Ele não era somente um professor, ele era um padre. Era um pouco a ideia de Dom Vicente, ser padre, ter uma especialidade e estar a serviço, isso enriquece o clero, a Arquidiocese e a Igreja no contato com o mundo. O diálogo universitário é tão importante para os professores quanto para os alunos", pondera Dom Dadeus.

## 4.3 Reafirmação pela carreira acadêmica

Zilles, que havia optado por seguir a carreira acadêmica em vez da eclesiástica, recebeu, em 1981, um convite do Vaticano para ocupar uma secretaria, o que não estava de acordo com os planos que ele havia traçado para o seu sacerdócio. Diante de sua negativa,

o cardeal Vicente Scherer indicou Dom Dadeus Grings para o posto, quem exerceu a função até 1986.

Entretanto, em novembro de 1981, foi conferido a Zilles o título de cônego. Encarregado dessa função, ele deveria comparecer à Catedral Metropolitana para a Liturgia das Horas, realizada diariamente, e celebrações. Preocupado com as diversas tarefas que o novo cônego já tinha em sua rotina, o cardeal Vicente Scherer fez questão de telefonar para ele para explicar que se tratava de uma titulação honorífica, não sendo necessário o seu comparecimento para as tarefas na Catedral.

Um mês mais tarde, a imprensa noticiou que o Papa João Paulo II havia concedido o título de Monsenhor a alguns padres brasileiros. Ao final da lista com os nomes, estava o de Urbano Zilles.

"Achei que fosse uma brincadeira de alguém da imprensa, pois não havia recebido nenhuma correspondência oficial do Vaticano com essa nomeação. Passados dois meses, o correio entregou em minha casa a carta enviada de Roma. O envelope estava endereçado para a rua São Miguel em vez de São Manoel e por isso a demora na entrega", relembra.

Aquela não tinha sido sua primeira nomeação como Monsenhor. Em 1967, aos 30 anos e recém-ordenado, tinha recebido o título para que pudesse cumprir a função de secretário do cardeal Scherer durante uma visita oficial à Alemanha. Outorgado pelo Papa, trata-se de um título eclesiástico conferido aos presbíteros em reconhecimento pelos serviços prestados à Igreja ou para funções de governo

ou diplomacia. É dividido em três classes: protonotário apostólico, prelado de honra e capelão papal.

"Depois daqueles dias, eu devolvi o título e, em 1981, o recebi novamente. Na época, houve bastante repercussão, pois era incomum um padre com a minha idade – 44 anos à época – receber essa nomeação, usualmente conferida a sacerdotes nomeados bispos ou com mais de 65 anos", ressalta, explicando que a sua é a de capelão papal.

## 4.4 Uma missão ao lado da comunidade

Em meados de maio de 1982, o Monsenhor Zilles recebeu a visita de Dom Cláudio Colling, que havia sucedido Dom Vicente Scherer, e de sua comitiva para um pedido especial: assumir por um ano a paróquia Nossa Senhora do Líbano. A escolha por Zilles devia-se ao fato de ele já ter auxiliado na paróquia, na qual havia residido por um ano, em 1975. Dom Cláudio explicou ainda que, caso Zilles não gostasse, bastaria telefonar para a cúria avisando.

Desde que Rosendo Atik desistira da vida sacerdotal, optando pelo matrimônio, a comunidade estava sem pároco. Os padres da cúria vinham se revezando nas missas dominicais a fim de atender os frequentadores. Em 3 de junho de 1982, Zilles assumiu a paróquia, passando a administrá-la.

Anos depois, Zilles também foi nomeado pároco pelo bispo maronita, Dom Joseph Mahfouz, tornando-se birritual, ou seja, poderia celebrar conforme o rito romano, como sempre o fez, ou conforme o rito oriental.

"O bispo Dom Joseph Mahfouz levou meia hora para me ensinar as principais diferenças na administração dos sacramentos", conta Zilles.

Além dos sacramentos, havia a questão do idioma. Enquanto no rito romano, a missa é celebrada na língua local (no caso, o português), no rito maronita, parte da celebração acontece em aramaico, língua que Jesus falou e que tem a mesma raiz que o hebraico. Zilles teve facilidade para aprender o aramaico, pois já estudara hebraico.

"A relação do Monsenhor Zilles com a comunidade libanesa é muito boa, não apenas na vida em Igreja, mas também prestigiando os eventos que organizamos. Mais recentemente, com a chegada do padre Charbel Germanos, ele tem podido dividir as tarefas, sempre prestigiando o padre libanês, em especial no atendimento das comunidades libanesas do interior do Rio Grande do Sul", destaca Ricardo Malcon..

Ao longo dos anos, vários outros padres se ofereceram para ajudar Zilles nas celebrações; o mais marcante foi seu amigo fiel e editor Frei Rovílio Costa, capuchinho com quem trabalhou por mais de 20 anos na igreja Maronita. Os dois haviam se conhecido no Emaús, onde atuaram conjuntamente. Em certo momento, Rovílio precisou se afastar de suas funções para realizar um tratamento de saúde. Já recuperado, enviou um seminarista até a Maronita para perguntar a Zilles se ele o aceitava de volta.

"Eu disse ao jovem que não andasse nem corresse, mas que voasse para dizer ao frei Rovílio que viesse logo", recorda-se o Monsenhor, que tem ótimas lembranças do capuchinho que foi editor de vários dos seus livros.

Devido a suas diversas ocupações como professor e diretor da Faculdade de Filosofia, de Teologia e, durante 17 anos, como pró-reitor de pesquisa e pós-graduação na PUCRS, em 1983, Zilles pediu para deixar a direção espiritual do Emaús. Além disso, ele acreditava que o movimento deveria ser dirigido por um padre mais novo que ele, que, na época, tinha 46 anos. Embora tenha se afastado da direção do movimento de jovens, trabalhou em praticamente todos os cursos. Por decisão da Arquidiocese, o cônego Alberto Nejar, seu colaborador pessoal, assumiu o movimento.

Em 1985 o Emaús quase terminou. As aulas do cônego Nejar e do padre Paulo Fonseca, na Escola Missionária, eram muito sistemáticas, segundo o Monsenhor Zilles, e a missa do movimento de jovens, celebrada após as atividades da Escola, nas noites de quintas-feiras, começou a se esvaziar.

Convidado a celebrar um casamento de jovens do Emaús, na paróquia São Manoel, no bairro Mont Serrat, do qual participavam muitos integrantes do movimento, Zilles foi consultado sobre uma possível volta e só depois soube que o arcebispo, Dom Cláudio Colling, não só estava ciente da vontade dos fiéis como os apoiava.

Em 1985, a paróquia da Pompeia passou a pedir para que o movimento colaborasse financeiramente para a limpeza e iluminação das salas utilizadas. Como o movimento não tinha muitos recursos, o então presidente, Luis Emílio Correia Maia, pediu ao Monsenhor Zilles se ele poderia transferir a sede do movimento para a Maronita, na qual era pároco. Foi a partir dessa transferência que as celebrações semanais do movimento passaram a ser realizadas aos domingos,

sempre às 20h (o que foi alterado apenas a partir de 2017) com a Escola Missionária acontecendo antes da missa.

## 4.5 Um desafio retumbante

Ex-alunos de Zilles, Draiton Gonzaga de Souza e Luciano Marques de Jesus, ambos professores da PUCRS e doutores, descrevem-no como um professor muito dedicado, pontual e que tinha por hábito preparar as aulas com minúcia.

"Fui aluno dele em 1987, na extinta FAFIMC, em Viamão, primeiramente na disciplina de História da Filosofia. Eu já conhecia alguns aspectos da vida acadêmica dele e havia lido algumas de suas obras. O Monsenhor Zilles tinha por hábito ler trechos de textos que ele mesmo havia redigido para a aula, e, depois, essas anotações davam origem a livros; um hábito que ele aprendeu na Alemanha", rememora Draiton, atualmente decano da Escola de Humanidades da PUCRS.

As atividades do padre na PUCRS não se restringiam às aulas nos cursos de Teologia e Filosofia. Naqueles primeiros anos da década de 1970, a universidade havia inserido nos currículos das faculdades a disciplina de Cultura Religiosa. Zilles lecionou essa matéria por muitos anos em diversos cursos como Engenharias, Serviço Social e Pedagogia. Devido à falta de conteúdos publicados sobre o tema, ele e o padre Johan Konings, vice-diretor da Faculdade de Teologia, dedicaram-se, durante as férias de verão dos discentes, à elaboração de textos para serem utilizados na disciplina, o que culminou com a publicação do livro *Religião e cristianismo*, obra que vendeu mais de 40 mil exemplares e que passou a ser adotada como referência

pela PUCRS e por outras instituições de nível superior privadas e universidades públicas.

O convite para assumir a direção da Faculdade de Filosofia aconteceu em 1978, e a posse, no ano seguinte. Antes disso, Zilles já era indicado pelo reitor para representar a Faculdade de Filosofia em concursos como o Prêmio Moinho Santista, promovido pela Fundação Moinho Santista para estimular a produção intelectual nas áreas das Letras, Artes, Ciências Humanas, Agrárias, Exatas, Biológicas e Profissionais de Saúde.

"Eu tive a sorte de ser aluno dele na Teologia, em disciplinas como Teologia Dogmática, Teologia Sistemática, Sacramentos, Criação e Escatologia. Depois no mestrado, além de professor, ele foi meu orientador. E, anos mais tarde, avaliador na banca do meu doutorado", celebra Luciano.

O historiador, jornalista, escritor e professor da PUCRS Juremir Machado da Silva também recorda as aulas do Monsenhor Zilles em meados dos anos 1980.

"Fui aluno dele na disciplina de História da Filosofia. Eu fazia a faculdade de História e ele era o diretor do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH). Nós, estudantes, aprontávamos muito naquela época, e ele tinha, como diretor, que resolver algumas das confusões. Lembro que ele sempre conseguia nos salvar, depois, é claro, de nos passar um sermão. Isso fez com que eu criasse por ele uma grande simpatia. Ele também era um excelente professor. As aulas dele pareciam um *show*, pois ele compartilhava de um grande conhecimento, além de ter uma capacidade de comunicação, preparo

e bom humor. Sempre vi nele um erudito, um grande professor e um diretor, um gestor com essa grandeza, capaz de compreender as coisas, de negociar, de ser severo, de dizer as coisas, mas ao mesmo tempo de resolver, de apostar, de dar oportunidade", diz Juremir, que se sente grato por todos os ensinamentos que recebeu do Monsenhor Zilles.

A carreira do professor Urbano Zilles nunca ficou em segundo plano. Mesmo em 1987, quando assumiu a Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PRPPG) da PUCRS. Ele sempre orientou dissertações de mestrado, teses de doutorado na área de Letras e Filosofia e encontrava um horário para estar em sala de aula, o que colaborava para mantê-lo atualizado e atento às necessidades dos alunos.

Sua contemporânea na universidade, a doutora em História Moderna e Contemporânea e coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Criminais da PUCRS, Ruth Gauer, lembra o momento em que Zilles trocou as salas de aula pelo gabinete da Pró-Reitoria

"Lembro que o meu primeiro contato com ele foi logo após a minha contratação para a Faculdade de Ciências Humanas, da qual ele era o diretor. Ele me chamou, certa vez, para me alertar sobre o modo como eu calculava a média dos alunos. Recordo de ele me dizer: 'a orientação para a média dos alunos que a universidade dá não é essa que a senhora está usando'. Respondi afirmando que realmente não era, mas que dava no mesmo ao final. Foi nosso primeiro diálogo. Isso ressalta o quanto ele acompanhava todas as ações que eram desenvolvidas na Faculdade. Eu acho que ele tinha uma visão macro, mas, ao mesmo tempo, que essa visão o conduzia

à política aplicada na faculdade. Ele também tinha uma visão micro que o levava a poder jogar com as peças para o melhor andamento da Faculdade", resume Ruth.

Foi logo nos primeiros anos de sua gestão na Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação que Zilles convidou Ruth para implementar na PUCRS um curso interdisciplinar de Museologia, inédito no estado. Havia, revela Ruth, uma demanda do governo estadual por museólogos, profissionais cujo número no Rio Grande do Sul era insuficiente frente à necessidade existente.

"Ele me chamou porque eu tinha uma experiência com Museologia, pois havia sido diretora do Museu Antropológico. Contei com a orientação dele para a elaboração do projeto, para o qual tivemos duas turmas com muito êxito. Logo depois surgiu um pedido, também do Governo estadual, para que a PUCRS organizasse um curso de especialização em Criminologia, que, com o passar dos anos, tornou-se a Pós-Graduação em Ciências Criminais que a universidade oferece atualmente", conta Ruth.

Admirador do trabalho que Zilles desenvolvia desde o tempo em que participavam juntos das reuniões do Conselho Universitário, Mario Hamilton Vilela foi trabalhar com o novo pró-reitor ao receber uma proposta do irmão Norberto Rauch.

"Na qualidade de diretor da faculdade de Zootecnia, em Uruguaiana, eu participava dessas reuniões do Conselho, às quais o professor Zilles, como diretor da Faculdade de Filosofia, também comparecia. Dessa convivência surgiu uma admiração minha pelo trabalho dele. Em 1988, depois de morar um ano no Rio de Janeiro (RJ) para fazer um

curso para o qual o Irmão Norberto tinha me indicado, voltei a Porto Alegre. Foi quando o reitor da PUCRS me perguntou se eu gostaria de voltar para a Capital e me apresentou algumas oportunidades. Escolhi sem pestanejar a Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, que era comandada pelo professor Zilles", conta Vilela, que carinhosamente o chama de "Mestre".

A partir de então, os dois estabeleceram uma relação de confiança e amizade que se manteve ao longo dos anos. Vilela lembra que a relação de Zilles com o irmão Norberto Rauch era bastante próxima. E, embora fosse mais comum o pró-reitor visitar o reitor, muitas vezes Zilles era surpreendido por uma visita de Norberto em seu gabinete.

À frente da Pró-Reitoria, na qual permaneceu por 17 anos, Zilles construiu o que os ex-alunos e ex-colegas consideram seu maior legado para a educação no Brasil. E realizar tudo o que planejou só foi possível graças ao apoio que recebeu do irmão Norberto Rauch, reitor da Universidade à época, e dos sucessivos arcebispos de Porto Alegre.

"Ele sabia valorizar quem tinha conhecimento. O importante era ser Universidade Católica e que os seus professores, alunos e dirigentes fossem respeitados por seu conhecimento e não só pela sua crença", ressalta.

Como bem descreve Jorge Audy, seu amigo e sucessor na Pró-Reitoria, Zilles transformou a PUCRS em uma universidade respeitada internacionalmente. Em março de 1976, a Universidade de Cambridge, na Inglaterra, distinguiu Zilles com um certificado de mérito pelo relevante serviço prestado à comunidade pela publicação *Caráter*

*interdisciplinar na pesquisa*, e seu currículo foi incluído no volume XIII do *Dictionary of International Biography*.

Ele também foi nomeado presidente da Comissão da *Katholischer Akademischer Ausländer-Dienst* (KAAD), que seleciona candidatos a bolsas de estudo de pós-graduação na Alemanha, tendo o professor Draiton de Souza como secretário. Seu mandato se estendeu por cinco anos.

No dia 14 de março de 2003, na recém-inaugurada biblioteca da Unisinos, Zilles recebeu do Governo do estado do Rio Grande do Sul o prêmio Pesquisador Destaque de 2002 na área de Ciências Humanas e Sociais, concedido pela Secretaria de Ciências e Tecnologia, por meio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (Fapergs).

Ao completar 60 anos de vida, seus colegas o homenagearam com uma *Festchrift*. No livro, com 570 páginas e sob o título *Consecratio Mundi*, organizado pelo professor Reinholdo Aloysio Ullmann, também autor da apresentação da publicação, juntamente com o professor Ernildo Stein, são apresentados artigos de 14 professores universitários de Teologia e 29 de Filosofia, do Brasil e do exterior, em celebração à vida e obra de Urbano Zilles.

Em seu texto de apresentação, o professor Stein escreveu:

> Este livro quer surpreender o personagem que permaneceu fiel a si mesmo e à sua própria história, ao longo de seu caminho de teólogo, filósofo, ensaísta e professor, nos seus afazeres diários, e interromper simbolicamente a

sua caminhada, para festejar a data dos seus sessenta anos... Este livro pretende ser a celebração, talvez simples, mas adequada para seu círculo de amigos, de uma vida antes de tudo fiel a si mesma, mas que soube, pela sua capacidade de transcendência, preservar a curiosidade e a seriedade diante do mistério e das conquistas do conhecimento. A personalidade humana do homenageado revela, justamente, essa capacidade de manter abertura para interesses que só se encontram pela força de um exercício do espírito, e de ao mesmo tempo, mostrar a capacidade de identificação e descrição de temas bem específicos.[1]

[1] ULLMANN, Reinholdo Aloysio. *Consecratio Mundi – Festschrift* em homenagem ao Prof. Dr. Mons. Urbano Zilles. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998. 572p.

Lia, Zilles e Maia reviveram na Inglaterra momentos como os que tinham no Edifício Ilana, em Porto Alegre.

Urbano Zilles durante um dos encontros da Associação Brasileira das Escolas Superiores Católicas.

O Padre Urbano durante a celebração do sacramento da eucaristia com as crianças que realizavam sua primeira comunhão .

O Padre Zilles com a comunidade de paroquianos da igreja Nossa Senhora do Líbano, em Porto Alegre.

A paróquia Maronita antes da reforma produzida e plane-jada por Zilles, para a qual projetou um altar que enfatiza a imagem de Nossa Senhora do Líbano e do Espírito Santo.

Em um dos encontros na casa das Irmãs Missionárias de Jesus Crucificado, na Avenida João Pessoa, em Porto Alegre.

Zilles recebeu os cumprimentos do reitor da PUCRS, Irmão Norberto Rauch. Os dois formaram uma parceria que transformou a Universidade em um centro de excelência e pesquisa.

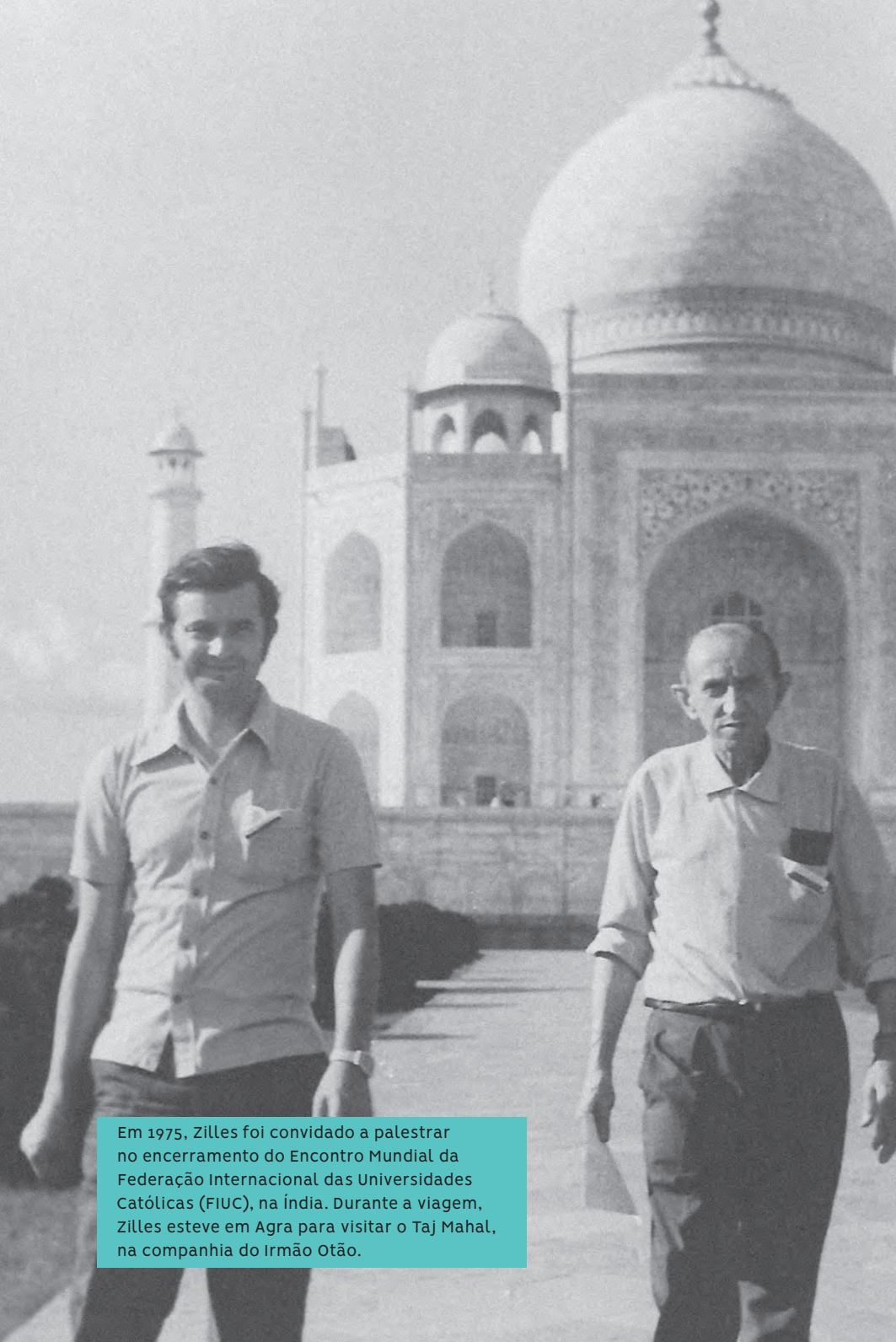
O Pró-reitor de Pesquisa e Pós-Graduação, Urbano Zilles, recebeu homenagem do Reitor da Universidade, Irmão Norberto Rauch.

Em Nova Déli, Zilles foi recebido pelo então Presidente da Índia.

O Padre Zilles recebeu na paróquia o Bispo Dom Jose Manhfuz.

Em 1990, Urbano Zilles foi a Manchester, na Inglaterra, visitar o casal Lia e Hélio Maia, seus vizinhos de porta, que estavam na Europa para a conclusão da especialização de Maia.

Zilles com Maia e Andreas, seu filho. Maia e Zilles foram grandes amigos, companheiros de muitas conversas nos fins de tarde.



Em 1975, Zilles foi convidado a palestrar no encerramento do Encontro Mundial da Federação Internacional das Universidades Católicas (FIUC), na Índia. Durante a viagem, Zilles esteve em Agra para visitar o Taj Mahal, na companhia do Irmão Otão.

Zilles, em um retrato feito em meados dos anos 1980.

# 5.

# O LEGADO DE UMA VIDA

Até 1988, não havia sido consolidada na PUCRS uma cultura de incentivo à pesquisa acadêmica. Além disso, o reitor irmão Norberto Rauch pretendia que a Universidade tivesse uma interface maior com as indústrias. Por isso, logo após assumir a Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PRPPG), Zilles convidou 42 empresários para conversarem com os professores. Apenas um não compareceu por motivo de saúde, o que, para ele, demonstrou o grande interesse da classe empresarial. Entretanto, ao observar o diálogo entre os industriais e os docentes, concluiu que as pesquisas feitas pelas empresas estavam mais avançadas do que as que ocorriam na universidade.

A partir dessa análise, Zilles elaborou um plano de capacitação docente denominado "Mil para 2000" com o objetivo de formar mil mestres e doutores em um período de 12 anos. Naquele ano, a Universidade tinha em seu quadro 61 doutores e pouco mais de 90 mestres. O pró-reitor não pensava apenas na disseminação de um título acadêmico, mas nas diversas possibilidades que se abririam para os professores quando estes fossem realizar suas pós-graduações fora dos portões da instituição.

"Eu lutei muito para que entendessem que era fundamental que fizessem intercâmbios fora do país e que buscassem diferentes

centros de excelência e não sempre o mesmo. Isso nos oxigenaria, proporcionando uma multiplicidade de conhecimentos e, a cada um, experiências únicas", relata Zilles, que enviou estudantes, sobretudo docentes, para França, Alemanha, Espanha, Portugal, Austrália, Nova Zelândia, Inglaterra, Estados Unidos, Canadá etc.

Entretanto, a Universidade não tinha condições de financiar essa capacitação para todos os professores que se interessaram pelo programa. Encarregado de também conseguir os recursos, o pró-reitor passou a buscar contatar instituições dentro e fora do Brasil apresentando projetos que tiveram êxito, como os firmados com a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Mas, para renovar a Universidade, não bastava enviar os professores para centros de excelência. Era necessário trazer docentes com saber reconhecido. E essa foi outra marca de sua gestão na Pró-Reitoria.

"Eu me preocupava em sempre ter professores convidados para dar cursos, palestras, seminários e até mesmo uma disciplina de modo intensivo", destaca.

Foi desse modo que o professor pós-doutor em Filosofia Ernildo Stein chegou até a PUCRS. Titular na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Ernildo havia sido colega de política estudantil de Zilles.

"No começo de 1990 ele me convidou para trabalhar na PUCRS, convite que aceitei, muito por insistência dele, em 1993. E começamos

uma nova relação a partir de então, visando à melhoria dos cursos, uma parceria muito importante que estendemos à Editora da PUCRS, pela qual publicávamos livros e teses de professores estrangeiros. O Zilles tinha um projeto de fazer uma espécie de qualificação, em geral, do curso de Filosofia, das Ciências Humanas", confidencia Ernildo..

Como os custos para uma viagem transatlântica para trazer os professores estrangeiros eram elevados, o Monsenhor obteve na Alemanha o financiamento das passagens para que professores como o filósofo Bernard Welte, de Freiburg, o teólogo Peter Hünermann, de Münster, e muitos outros palestrassem na PUCRS.

A visão do Monsenhor era a de que os professores capacitados pudessem qualificar os cursos de graduação e oferecer bons cursos de pós-graduação, além de desenvolverem pesquisas de relevância feitas na instituição, o que só ocorreria a longo prazo.

O atual reitor da universidade, irmão Evilázio Teixeira, reconhece que o projeto "Mil para 2000", desenvolvido por Urbano Zilles e pelo reitor Norberto Rauch, foi um dos grandes impulsionadores para que a PUCRS viesse a se tornar a universidade com a qual se sonhava.

"Esse foi um dos projetos mais estratégicos que a PUCRS realizou, foi ele que alavancou e deu as condições para atingirmos o nível de excelência em pesquisa e capacitação docente que temos hoje. E o Monsenhor Zilles, como pró-reitor na época, foi, sem dúvida nenhuma, um dos grandes líderes desse projeto, foi o mentor e o executor e o fez com muito brilhantismo e sucesso", ressalta o irmão Evilázio, destacando o projeto como um dos principais marcos nos 70 anos da Universidade.

São inúmeros os professores beneficiados pelo programa "Mil para 2000" que seguem contribuindo com o ensino e a pesquisa na PUCRS e em outras universidades do país. Assim, o legado dessa iniciativa colaborou para o desenvolvimento da educação superior não apenas dentro dos muros da universidade gaúcha, mas por todo o território brasileiro.

## 5.1 Um olhar voltado para os avanços da medicina

Entre as bandeiras do Monsenhor Zilles estava a criação de pós-graduações para a área médica. Por isso, ele contratou de uma única vez 17 doutores e pós-doutores. Os profissionais altamente capacitados não encontravam lugar para desenvolverem suas pesquisas no país, e o caminho mais lógico seria a busca de oportunidades no exterior. Com o auxílio do professor Diógenes Santiago Santos, da UFRGS, o Pró-Reitor elaborou o projeto que culminou na criação do Centro de Pesquisas Biomédicas, instalado no Hospital São Lucas. O Centro foi o embrião do que viria a ser o Instituto do Cérebro (InsCer).

Em conjunto com o geriatra Yukio Moriguchi, Zilles elaborou e aprovou uma iniciativa para oferecer bolsas de estudo na PUCRS a médicos da América Latina. Essa especialização foi financiada por meio de um projeto apresentado ao governo do Japão. Ele também viabilizou a criação de um centro de microcirurgias de dedos, apoiado pela Gerdau, a fim de oportunizar aos médicos altamente capacitados a continuidade dos seus estudos.

## 5.2 Conselheiro e empreendedor

As atividades do Monsenhor não se restringiam à PRPPG. Até 2004, lecionou nos cursos de Letras e Linguística e, até 2016, nas Faculdades de Filosofia e Teologia. Seguiu proferindo conferências dentro e fora da instituição e participando como examinador de muitos concursos em universidades federais e estaduais.

Em 1º de março de 2005, foi nomeado presidente do conselho de Porto Alegre da *Katholischer Akademischer Ausländer-Dienst* (KAAD), entidade do episcopado alemão que concede bolsas de estudos na Alemanha para universitários indicados por uma comissão formada por professores da PUCRS, UFRGS, UFSM, Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e Unisinos. Seu mandato se estendeu até 2010.

Ele também foi presidente do Fórum dos Pró-Reitores de Pesquisa e Pós-Graduação na Região Sul, envolvendo-se na organização das universidades dos três estados sulinos. Por meio dessa função, desenvolveu um relacionamento mais direto com o governo estadual, uma vez que cabia a ele indicar técnicos para presidir órgãos de pesquisa do Estado.

Entre as suas atividades administrativas na PRPPG, Zilles destaca a criação da EDIPUCRS, em 1988, motivada pela necessidade de publicar os trabalhos elaborados pelos professores da universidade, bem como de autores de outras instituições, em especial da área de Humanas.

O professor Antoninho Muza Naime, na época vice-diretor da Faculdade dos Meios de Comunicação Social (Famecos) e diretor da gráfica da PUCRS, foi convidado pelo reitor da universidade, irmão Norberto Rauch, para dirigir a editora.

"Lembro de um jantar no qual o irmão Norberto me confidenciou a sua vontade de ter uma editora dentro da universidade", lembra o professor Muza Naime, que permaneceu na função até 2012.

Muza Naime já conhecia Zilles da Maronita. De família libanesa, ele e a esposa costumavam frequentar as missas celebradas na paróquia, em especial por admirarem como Zilles as celebrava, sempre curtas, mas com sermões práticos que contextualizavam as mensagens bíblicas ao cotidiano dos fiéis.

Entretanto, no momento de formação, não havia entre os funcionários da editora e da comunicação da Universidade quem soubesse editar livros, pois todos eram cedidos de outras áreas da PUCRS. Como a editora ficou sob o guarda-chuva da PRPPG, coube a Zilles ensinar aos colaboradores da editora algumas tarefas como as de preparação de uma obra, a criação das capas e até a sua impressão.

Muza Naime lembra também que os manuscritos que chegavam para publicação passavam primeiramente pela mesa de Zilles. Era o pró-reitor quem escolhia um professor que tivesse conhecimento sobre o tema da publicação para que lesse e desse um parecer sobre a obra. Só depois ele decidia se a publicariam ou não.

O período no qual a EDIPUCRS ficou sob o comando de Zilles e Muza Naime é reconhecido como aquele em que foram publicados mais títulos pela editora universitária.

Com a fundação da editora, o pró-reitor criou a Coleção Filosofia, que reúne mais de 200 obras. Draiton Gonzaga de Souza lembra com carinho sua participação ao lado do Monsenhor, tanto na redação de alguns textos quanto na revisão dos materiais a serem publicados.

Ocupante da cadeira número 38 da Academia Brasileira de Filosofia, do qual é um dos membros fundadores, Zilles foi empossado durante cerimônia solene realizada na sede da Academia Brasileira de Letras, no Rio de Janeiro, no dia 26 de junho de 1989.

Na Pró-Reitoria, Zilles viabilizou a criação da Agência de Gestão Tecnológica, processo que, em 2004, culminou no desenvolvimento do Parque Científico e Tecnológico da PUCRS, o Tecnopuc. Ele deu andamento à iniciativa ao lado do professor Paulo Franco, pró-reitor de Finanças, e do professor Jorge Audy, que tinha sido enviado para um doutorado dentro do programa "Mil para 2000".

Entre 1972 e 2017, o Monsenhor foi o representante do chanceler no Conselho Universitário da instituição. Sua missão era levar os interesses do arcebispo de Porto Alegre para a academia e informá-lo sobre o que lá acontecia. Ele desenvolveu essa atividade a serviço de Dom Vicente Scherer, Dom Cláudio Colling, Dom Altamiro Rossato, Dom Dadeus Grings e Dom Jaime Spengler.

Em paralelo à dedicação à Universidade, os compromissos com a Igreja continuaram a se fortalecer. Em 2007, foi nomeado vigário episcopal da Cultura na Arquidiocese de Porto Alegre. À frente do Vicariato da Cultura por 10 anos, tinha sob sua tutela todos os temas relacionados não apenas à Cultura, mas também à Educação, Ecumenismo e Diálogo Inter-religioso. O Vicariato da Cultura mantinha no Centro de Pastoral, no bairro Floresta, a Escola de Formação Social e Política, cujas atividades ocorriam sob a direção do padre Carlos Steffen. O coordenador de Pastoral era o padre José Luiz Schaedler,

atualmente diretor-geral da rede de Escolas São Francisco. A secretária foi Liane Specke da Silva.

As atividades de Zilles compreendiam a coordenação e orientação dos movimentos leigos da Arquidiocese e das escolas católicas da Arquidiocese, bem como os órgãos de diálogo ecumênico e inter-religioso. Seu comprometimento era diário e resultou na catalogação de todos os movimentos e associações católicas em atividade na área por ele supervisionada. Essa classificação deu origem a dois livros que reúnem o histórico e as informações sobre cada uma dessas iniciativas leigas.

## 5.3 Professores em rede

Ao longo de sua gestão na Pró-Reitoria, Zilles empenhou-se não apenas na disseminação do conhecimento, mas também na oferta das condições ideais para o ensino e para a pesquisa. Uma dessas inovações foi a informatização da Universidade, no final da década de 1980.

Em uma reunião da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), fundação que atua em prol da expansão e qualificação das pós-graduações, Zilles conseguiu que a PUCRS passasse a ter uma rede Bitnet, criada em 1981 para promover a comunicação entre os acadêmicos das universidades de Yale e da cidade de Nova Iorque, nos Estados Unidos. Em menos de 10 anos, esse sistema foi disseminado por todo o mundo, facilitando a troca de informações entre as instituições de ensino superior.

Zilles percebeu que aquela era uma oportunidade ímpar, pois, por meio de uma linha telefônica, os professores e pesquisadores

teriam uma janela para o mundo sem sair dos seus gabinetes. Para as condições técnicas de acesso à rede, providenciou a ligação da Universidade ao sistema da UFRGS, que direcionava a informação por cabos até São Paulo. Em pouco mais de três anos, o sistema já estava sobrecarregado e foi suspenso.

A Bitnet foi gradualmente substituída pela internet, e, com a interrupção no fornecimento da rede, Zilles tratou de inserir a Universidade nesse novo cenário. Sua equipe na PRPPG realizou os estudos para a instalação de cabos de fibra óptica entre a PUCRS e a UFRGS. Mas os custos praticamente inviabilizavam a ação. Surgiu a opção de conectar a universidade ao provedor da instituição federal por meio de ondas de rádio com custo aproximado de 43 mil dólares.

Coube a Zilles conseguir, mediante um projeto, a verba para a instalação da antena, colocada no prédio 40 da PUCRS. Contudo, era necessária uma estrutura com aproximadamente três metros de altura no campus da UFRGS, cujo custo estimado era de 700 dólares. A aquisição por parte da universidade federal só poderia ser feita por meio de licitação, o que atrasaria a chegada da esperada internet aos computadores da instituição católica. Para solucionar o impasse, Zilles conseguiu o dinheiro, e a Pró-Reitoria da PUCRS doou os equipamentos para a universidade parceira.

A área técnica da Universidade desejava que em cada prédio fosse instalado um computador com acesso à internet. Entretanto, na perspectiva de Zilles, a rede devia ser um instrumento de trabalho para os administradores e pesquisadores, que deviam ter acesso aos terminais, cada qual no seu lugar de trabalho.

Os primeiros microcomputadores que a PUCRS adquiriu foram comprados com uma verba da Fapergs pleiteada pelo pró-reitor. Assim, os cursos de pós-graduação foram os primeiros a contar com os equipamentos. Para que estivessem capacitados a operar as máquinas, os funcionários da Pró-Reitoria realizaram cursos no Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac).

"Aquela era uma máquina muito misteriosa, só se podia instalar onde tivesse ar-condicionado e poucos a dominavam", brinca Zilles.

## 5.4 Aroma do cachimbo: sinal de sua presença

As manhãs na PRPPG começavam cedo. Primeiro a chegar, Zilles reunia nas primeiras horas o seu grupo de assessores que carinhosamente chamava de Senadinho. A busca por soluções para os desafios que se impunham era sempre acompanhada de uma xícara de café e do cachimbo. O aroma do fumo, aliás, era o sinal mais evidente da sua presença no prédio 1 da Universidade.

O atual decano da Escola de Humanidades, o professor doutor Draiton Gonzaga de Souza, foi um dos beneficiados pelo programa "Mil para 2000". Ele recorda que Zilles foi fundamental para que ele conseguisse uma bolsa para o seu doutorado na Alemanha, concluído em 1998.

"Quando voltei ao Brasil, me tornei coordenador do programa de Pós-Graduação em Filosofia, e ele era o meu pró-reitor de referência. Todas as tardes, após o almoço, eu o visitava para um café e uma conversa. Muitas vezes eu chegava e via que ele estava fumando, um sinal de que estava preocupado com algo. Em uma dessas ocasiões,

eu entrei, me sentei e pedi um café à secretária. Ele permaneceu calado. Depois de alguns minutos, disse a ele que eu tinha algumas coisas para resolver e que precisava sair. Ele respondeu em voz alta: 'Cátia, vê mais um café para o Draiton' e só então começou a conversar, conta Draiton.

Clarissa Lopes Bellarmino, que atuava no Departamento antes da chegada de Zilles, lembra o impacto que a gestão do Monsenhor teve nos funcionários da Pró-Reitoria. Com uma liderança forte, ele sabia delegar e dar as condições para que seus colegas exercessem com qualidade e tranquilidade as suas funções. E isso retornava em comprometimento e excelência.

"Ele construiu a Pró-Reitoria, que antes dele tinha uma outra conotação, e forneceu todo o aparato para ser o que é hoje. Ele revolucionou não só a PRPPG, mas a universidade como um todo", avalia Clarissa.

Ao final dos 17 anos de sua gestão, a instituição tinha em atividade 21 programas de mestrado e doutorado e um legado de conhecimento, expansão da pós-graduação e formação de um corpo docente de ponta.

O professor Antonio Mario Pascual Bianchi, que já ocupava a Pró-Reitora de Administração da PUCRS, lembra os vários encontros que teve com Zilles para oferecer aos professores as condições de trabalho e pesquisa que ele tanto almejava.

"Ele sempre teve uma grande afinidade e parceria com o irmão Norberto Rauch, que era recíproca. O ingresso de Zilles na Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação fez uma grande mudança. Era como se ele tivesse mudado da noite para o dia. Foi um impulso extraordi-

nário para o desenvolvimento de toda essa área. Se compararmos a quantidade de cursos que a Universidade tinha quando ele assumiu e quando ele deixou a Pró-Reitoria, observa-se o quanto ele trabalhou. Ele tinha o perfil ideal para o cargo, sabia o que era pesquisa. Pode parecer algo muito simples, mas é preciso ser pesquisador para saber as necessidades comuns a todos aqueles que se dedicam ao estudo. Além disso, ele tinha o conhecimento para promover essa continuidade de formação dos professores da PUCRS, avalia Bianchi.

Os dois são protagonistas de uma das engraçadas histórias de Zilles. Certa vez, em uma reunião na Cúria Metropolitana para tratar das negociações da incorporação da FAFIMC pela PUCRS e da cerca da área de terra, em Viamão, que a Faculdade ocupava, Zilles o surpreendeu.

A reunião com bispos já havia começado, e um deles argumentava sobre a negociação enquanto Zilles e o reitor da época escutavam atenciosamente. Atrasado, Bianchi entrou na sala e, depois de ouvir a fala do bispo, argumentou. Foi quando um dos presentes perguntou quem ele era, já que não havia chegado a tempo das apresentações.

"É o cônego Bianchi!", exclamou Zilles, que não foi contestado.

Anos depois, os dois contaram juntos essa história a Dom Dadeus. Até hoje Zilles brinca dizendo que, se Dom Dadeus não os repreendeu, o título está valendo.

## 5.5 O início de um novo ciclo

Em 2004, Zilles deixou a Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da PUCRS, assumindo a direção da Faculdade de Teologia até 2008. Esse foi um período de grande impacto na vida do Monsenhor.

Em virtude de uma queda sofrida na rua e uma fratura no torno-zelo, em novembro de 2008, Monsenhor Zilles teve de se resguardar e permanecer em casa, longe de suas atividades acadêmicas e sacerdotais por quatro meses. Para passar o tempo, Zilles dedicava-se aos seus dois *hobbies*: o estudo e o cachimbo, o que o manteve, embora imobilizado, extremamente ativo.

Ficar acamado, segundo os amigos, foi um dos grandes desafios enfrentados pelo Monsenhor, que se viu dependente de auxílio para locomover-se ou desempenhar tarefas cotidianas. Eles acreditam que esse foi um momento de profunda reflexão para o homem e para o filósofo por ter se visto obrigado a lidar com a sua própria incapacidade e com a finitude.

Gradualmente, após seu retorno às atividades, deixou os cargos de direção na Universidade, passando a colaborar como professor em algumas disciplinas dos cursos de Teologia e Filosofia, assim como havia feito nos primeiros anos de sua carreira.

Sua aposentadoria das salas de aula aconteceu em janeiro de 2016 e foi celebrada com um almoço no Restaurante Panorama Gastronômico, localizado no prédio 40 da Universidade. Monsenhor

Zilles foi prestigiado por cerca de 200 professores, autoridades da PUCRS, da Arquidiocese de Porto Alegre e do Governo gaúcho.

"Ele realizou muito pela Universidade. O que a PUCRS deve a ele é impagável. Acredito que não saibam como agradecer a ele por esses anos todos em que ele trabalhou, sobretudo nos primeiros 10, 15 anos. Trabalhou intensamente. Não havia, naquele momento, uma luta para se melhorar o trabalho acadêmico. E na gestão do Zilles se começou a fazer uma qualificação de verdade, por meio de professores do exterior que eram convidados para lecionar cursos de uma semana ou de alguns dias de duração. E ele era muito simpático aos alunos, e alguns gostavam muito dele, apesar de não ter muito tempo de trabalhar como professor porque ele estava envolvido nas questões gerais da academia na função de administrar o mestrado e o doutorado", pondera Ernildo Stein.

Naquele mesmo ano, Zilles e outros 11 professores foram agraciados em uma solenidade com o título de professores eméritos da instituição católica.

"Monsenhor Urbano Zilles teve, e ainda tem, um papel de destaque no processo de formação da nossa Arquidiocese. Em especial, destaco sua importância como professor de Teologia e Filosofia, fundamental para a capacitação de novos presbíteros. Nesse sentido, alguém com o gabarito do Monsenhor Urbano Zilles, com toda a preparação que ele fez ao longo da vida, pela capacidade intelectual, mas também pela facilidade de transmitir conhecimento, é algo inestimável. Nesse sentido, a Arquidiocese de Porto Alegre, mas não só, o regional Sul 3 da CNBB, o Rio Grande do Sul, tiveram o privilégio de contar com

a colaboração deste homem no processo formativo, seja dos candidatos do ministério ordenado, seja dos candidatos e das candidatas à vida consagrada", avalia Dom Jaime Spengler, atual arcebispo da Arquidiocese de Porto Alegre.

## 5.6 Tempo para refletir

Desde sua aposentadoria, após 42 anos dedicados à Universidade, Monsenhor Zilles tem aprofundado seus estudos e viajado pelo Brasil para proferir palestras sobre filosofia e teologia.

Ele ainda mora no apartamento da rua São Manoel, no qual passa as manhãs lendo, tomando chimarrão, digitando seus textos e apreciando seu cachimbo. Eventualmente participa de bancas de trabalhos de conclusão de curso (TCC) tanto de graduação quanto de mestrado e doutorado. Sua biblioteca reúne títulos sobre filosofia, teologia, dicionários biográficos e publicações com reunião de artigos que o citam e enaltecem a importância do seu pensamento e da sua obra.

Na paróquia e nos cursos do Emaús, recebeu o auxílio do frei Aquiles, após o falecimento do frei Rovílio, e os padres Leandro Chiarello e Carlos Steffen revezavam-se nas celebrações até a chegada do padre maronita Charbel Germanos, que tem se encarregado, em substituição de Zilles, das celebrações para a comunidade maronita e do atendimento da comunidade católica romana. Mais recentemente, Zilles tem contado com o apoio do padre Antonio Hofmeister tanto na realização dos retiros do Emaús quanto nas atividades do Secretariado.

Os passeios a São João do Oeste foram ficando cada vez mais raros em função da sua agenda de compromissos. Na comunidade, todos sentem falta do padre Urbano, o menino que saiu da pequena colônia para o mundo. Sempre que pode, visita os irmãos Amélia e Inácio, os únicos ainda vivos, assim como a casa dos pais, onde cresceu.

A idade evidenciou as manias e a teimosia de Urbano Zilles. Sentar-se no banco do carona é algo que incomoda Zilles, ele gosta de estar ao volante, de pegar o carro e sair sem destino. Outro dia, ao telefonar para o tio, Ana descobriu que ele estava na fronteira do Brasil com o Uruguai: tinha ido passear, percorrendo um trajeto que perfaz mais de 1.000km entre ida e volta.

Nos encontros promovidos pela Associação dos Itapiranguenses na Grande Porto Alegre (Assipa), sempre se faz presente. A associação foi fundada em setembro de 1976 com o intuito de auxiliar jovens provenientes da cidade do Oeste Catarinense que estudavam nas universidades de Porto Alegre e região. As reuniões, que também contam com celebrações presididas pelo Monsenhor Zilles, são oportunidades de encontrar amigos que têm origens semelhantes e que falam os dialetos característicos dos imigrantes que colonizaram aquela região.

À família Zilles, espalhada pelo Rio Grande do Sul e Santa Catarina, ele procurou transmitir os valores que recebeu do pai e da mãe, a importância do estudo e do aperfeiçoamento constante e de se poupar para o futuro. Ele também contribuiu para que todos os irmãos pudessem ter uma moradia digna, ajudando na construção de casas e no financiamento e orientação dos estudos dos sobrinhos. Foi a

forma que ele encontrou de retribuir o esforço e o amor dedicado a ele por tantos anos.

Um virtuoso, um teimoso, um amigo, um desbravador, um empreendedor inquieto e inovador; o padre, o professor, o filósofo, o amigo e o tio: esse é Urbano Zilles, um homem com visão no futuro.

Nas viagens pelo Rio Grande do Sul, Urbano Zilles sempre aproveita um momento para apreciar a paisagem. Neste registro, visita a plataforma de voo livre do Morro da Borússia, em Osório.

Urbano, em seu apartamento no bairro Santana, em Porto Alegre, desmanchando uma pinha que recebeu de presente.

Em casa, ao lado da cadeira do papai, na qual passa boa parte do tempo, há espaço na estante para um aquário, os CDs dos mais diversos estilos musicais e os livros, seus grandes companheiros.

Em Quixadá, no sertão cearense, uma pausa nas palestras para apreciar a paisagem.

Com a amiga e ex-funcionária Clarissa Lopes Bellarmino, com quem trabalhou na PRPPG da PUCRS.

Urbano, no almoço do encontro da família Zilles, em São João do Oeste/SC. Em sua frente, o afilhado e sobrinho Décio Zilles.

Zilles entre os amigos e ex-alunos Draiton Gonzaga de Souza (esq.) e Luciano Marques de Jesus (dir.).

Zilles palestrando
no encontro que
marcou os 40 anos
do Emaús.

Zilles e sua prima
Elice Klaus Recktenvald.

O Monsenhor Zilles, como é mais conhecido pela comunidade, em uma das celebrações dominicais na Paróquia Nossa Senhora do Líbano.

Monsenhor Urbano Zilles recebe, das mãos do vereador Carlos Nedel, a homenagem da Câmara Municipal de Vereadores de Porto Alegre pelos seus 50 anos de ordenação sacerdotal.

Em seu apartamento, em Porto Alegre, Zilles recebe o vizinho José (esq.), Inácio (dir.) e as cunhadas Líria e Clara.

A paróquia de São João Berchmans ficou lotada para a celebração presidida pelo ilustre padre da cidade.

Após a aposentadoria da PUCRS, Zilles tem se dedicado a palestras sobre teologia e filosofia por todo o Brasil.

Na cerimônia que concedeu o título de professor emérito, Zilles foi prestigiado pelo irmão Joaquim Clotet, reitor da PUCRS entre 2004 e 2016, pelo professor doutor Ernildo Stein, também agraciado com professor emérito, e pelo irmão Evilázio Teixeira, atual reitor da universidade.

Com o amigo, paroquiano e ex-colega, Jorge Audy.

Urbano e os irmãos Amélia e Inácio em visita à casa paterna em São João do Oeste.

Zilles e o padre Erico Hammes, seu colega no PPG em Filosofia na PUCRS.

Urbano Zilles em um dos coquetéis da universidade católica na década de 1980.

João Dorneles, Jaderson da Costa, Diógenes Santiago, Hamilton Vilela, Ruth Gauer, Jorge Audy, Ricardo Tim e Frei Agemir Bavaresco no almoço que marcou sua aposentadoria da universidade.

Celebração em que foi concedido a Urbano Zilles o título de professor emérito da PUCRS. Ao seu lado, os demais homenageados.

Todos os homenageados com o título de professor emérito da PUCRS.

Outra tradição da família, transmitida de geração em geração e da qual Urbano não abre mão, é o jogo de carteado.

Na varanda, a família se reúne para ouvir as histórias de Urbano.

Legenda: A missa em comemoração aos 70 anos de vida de Urbano Zilles, em 2007.

Urbano Zilles na 18ª edição do Encontro Nacional de Pró-Reitores de Pesquisa e Pós-Graduação (Enprop), em Florianópolis.

Em um dos jantares com a amiga, a professora doutora Ruth Gauer.

Em 2019, Porto Alegre sediou o encontro nacional de sacerdotes da Igreja Maronita do Brasil. O encerramento do evento contou com uma missa na Paróquia Nossa Senhora do Líbano. Zilles é um dos mais antigos padres maronitas em exercício no país.

Urbano Zilles durante a homilia em uma missa para a comunidade libanesa.

A celebração, presidida pelo eparca Edgard Madi, contou com a participação de Zilles e do padre Charbel Germanos.

Anualmente os integrantes do Emaús de Porto Alegre realizam durante o verão uma missa festiva, chamada Maranatha, na Paróquia Nossa Senhora dos Navegantes em Tramandaí.

A Paróquia Nossa Senhora do Líbano
lotada para a missa de chegada de
mais um curso feminino.

Com o apoio dos grupos de Emaús do litoral norte, a celebração também passou a ocorrer em Torres.

Monsenhor Zilles durante a homilia em uma das missas de chegada do curso de Emaús. Ao fundo, os padres Iágaro Carpes Gonçalves e Antonio Hofmeister, ambos membros do Emaús de Porto Alegre, que se tornaram sacerdotes.

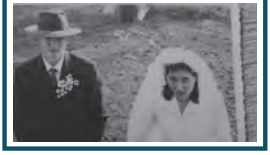
# ÁRVORE GENEALÓGICA DA FAMÍLIA ZILLES

**Avós paternos:**
Pedro José Zilles &
Maria Anna Maldoner

**Avós maternos:**
João Schneider &
Dorothea Klauck

**Verônica Schneider & Felipe Zilles**

**Urbano Zilles**



**Irineu Zilles & Clara Alles**

Ana Lúcia Marlene

Roque Maria Roberto Nilva

**Amélia Zilles & Silvino Kemper**

Dionísio Urbano Tarcísio Edson Edo

Márcio Inácio Adriane

**Edvino Zilles & Terezinha Kemper**

João Angela Celia

**Inácio Zilles & Líria Bonemberger**

Luis Síria Fidelis Marlise Décio

# TÍTULOS OUTORGADOS A URBANO ZILLES

**1972** Membro do Conselho Universitário, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

**1976** "Certificado de Mérito" por serviços culturais prestados à comunidade, *Dictionary of International Biography* – Cambridge.

**1979** Homenagem, com outorga de placa alusiva, pela "dedicação ao curso de Pós-Graduação em Filosofia", Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

**1981** Nomeado "Monsenhor" pelo papa João Paulo II, Igreja Católica Apostólica Romana.

**1982** Homenagem solene, com entrega de placa, pelos formandos do Curso de Filosofia da PUCRS.

**1989** Membro efetivo e perpétuo, Academia Brasileira de Filosofia.

**1989** Diploma de "Amigo e colaborador", Brigada Militar do Rio Grande do Sul.

**1990** Troféu de destaque, Associação Brasileira de Recursos Humanos – Rio Grande do Sul (ABRH-RS).

**1991** Placa de "homenagem de admiração e reconhecimento", PUCRS.

**1994** Medalha Irmão Afonso, PUCRS.

**1998** Homenagem com a publicação do livro *Consecratio mundi:* Festschrift *em homenagem a Urbano Zilles*, com colaborações de cientistas nacionais e estrangeiros.

**2000** Placa de reconhecimento "pelo trabalho desenvolvido como Pró-Reitor em prol da Pesquisa e Pós-Graduação em Filosofia na PUCRS".

**2002** Prêmio de Pesquisador Destaque 2003 da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (Fapergs), na área de Ciências Humanas e Sociais.

**2003** Membro correspondente, Academia de Letras e Artes *Mater Redemptoris* de Salvador – Bahia.

**2004** Homenagem das colegas do Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PRPPG) da PUCRS Clarissa, Kátia, Isabel, Cristina, Mônica e Ana Paula em razão da aposentadoria do professor doutor Urbano Zilles.

**2006** Membro do Conselho Superior da Fapergs, designado pelo Governador do Estado do Rio Grande do Sul – Publicado no D.O. 31/3/06, p.15.

**2006** Membro do Conselho Ecumênico do Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Teologia, Faculdades EST.

**2008** Membro do Conselho Deliberativo, Centro de Documentação do Pensamento Brasileiro.

**2016** Professor emérito, PUCRS.

**2016** Homenagem e agradecimento da Câmara de Vereadores, em nome do povo de Porto Alegre, pelo jubileu de ouro de ordenação sacerdotal de Urbano Zilles.

**2016** Homenagem do Emaús da Arquidiocese de Porto Alegre pelas comemorações dos 50 anos de ordenação sacerdotal de Urbano Zilles, diretor espiritual e pioneiro do movimento no Rio Grande do Sul.

**2017** Homenagem ao Monsenhor Urbano Zilles pelos seus 80 anos de vida em nome da Sociedade Libanesa de Porto Alegre.

# LIVROS PUBLICADOS (POR ORDEM CRONOLÓGICA)

ZILLES, Urbano. *Testemunho cristão hoje*. Caxias do Sul: Paulinas, 1968.

ZILLES, Urbano. *Uma Igreja em discussão*. Petrópolis: Vozes, 1969.

ZILLES, Urbano. *Uma Igreja em realização*. Petrópolis: Vozes, 1972.

ZILLES, Urbano. *Função humanizadora da universidade*. Caxias do Sul: EDUCS, 1978.

ZILLES, Urbano. *Esperança para além da morte*. Porto Alegre: EST, 1980.

ZILLES, Urbano. *Pode um cristão ser marxista?* Porto Alegre: Livraria e Editora Acadêmica, 1984.

ZILLES, Urbano. *Possibilidades e limites da libertação*. Porto Alegre: Editora Acadêmica, 1985.

ZILLES, Urbano. *Grandes tendências da filosofia no século XX e sua influência no Brasil*. Caxias do Sul: EDUCS, 1987.

ZILLES, Urbano. *Gabriel Marcel e o existencialismo*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1988.

ZILLES, Urbano. *O problema do conhecimento de Deus*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1989.

ZILLES, Urbano. *A significação dos símbolos cristãos*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1991.

ZILLES, Urbano. *O racional e o místico em Wittgenstein*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1991.

ZILLES, Urbano. *Filosofia da Religião*. 3. ed. São Paulo: Paulus, 1991.

ZILLES, Urbano. *A modernidade e a Igreja*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1993.

ZILLES, Urbano. *Homem e mulher no caminho da vida*. Aparecida do Norte: Santuário, 1993.

ZILLES, Urbano. *Fé e razão no pensamento medieval*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1993.

ZILLES, Urbano; QUADROS, Odone. *Identidade, desafios e futuro das Universidades Católicas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1993.

ZILLES, Urbano. *Gabriel Marcel e o existencialismo*. 2. ed. Porto Alegre: Livraria e Editora Acadêmica, 1995.

ZILLES, Urbano. *O racional e o místico em Wittgenstein*. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.

ZILLES, Urbano. *Os sacramentos da Igreja Católica*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.

ZILLES, Urbano. *Criação ou evolução?* Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.

ZILLES, Urbano. *Anjos e demônios?* Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.

ZILLES, Urbano. *Reencarnação ou ressurreição?* Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.

ZILLES, Urbano. *Teoria do Conhecimento*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.

ZILLES, Urbano. *Criação ou evolução*. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.

ZILLES, Urbano. *Filosofia da Religião*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1996.

ZILLES, Urbano. *Profetas, apóstolos e evangelistas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

ZILLES, Urbano. *Teoria do Conhecimento*. 3. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.

ZILLES, Urbano. *O Problema do conhecimento de Deus*. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.

ZILLES, Urbano. *Religiões*: crenças e crendices. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.

ZILLES, Urbano. *Religião e cristianismo*. 7. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.

ZILLES, Urbano. *Adorar ou venerar imagens?* Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997. v. 1.

ZILLES, Urbano. *Religiões*: crenças e crendices. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

ZILLES, Urbano. *Meditações no Sumaré*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

ZILLES, Urbano. *Jesus Cristo*: Quem é este? Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

ZILLES, Urbano. *Hombre y mujer en el Camino de la vida*. 2. ed. México: Ediciones Paulinas, 1999.

ZILLES, Urbano; PAIM, A.; BONI, Luiz Alberto de; MACEDO, U. B. (org.). Miguel Reale. *Estudos em homenagem a seus 90 anos*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

ZILLES, Urbano. *Significação dos símbolos cristãos*. 5. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

ZILLES, Urbano. *Pierre Teilhard de Chardin*: ciência e fé. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

ZILLES, Urbano. *Os Sacramentos da Igreja Católica*. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

ZILLES, Urbano; FELTES, H. H. M. (org.). *Filosofia*: diálogo de horizontes. Caxias do Sul e Porto Alegre: EDUCS e EDIPUCRS, 2001.

ZILLES, Urbano. *Religiões*: crenças e crendices. 3. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

ZILLES, Urbano. *Filosofia da Religião*. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2002.

ZILLES, Urbano. *Crer e compreender*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

ZILLES, Urbano. *Evangelhos Apócrifos*: tradução e introdução de Urbano Zilles. 3. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

ZILLES, Urbano. *Caráter ético do conhecimento científico*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

ZILLES, Urbano. *Filosofia da Religião*. 5. ed. São Paulo: Paulus, 2004.

ZILLES, Urbano. *Fé e razão na Doutrina Social Católica*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2005. v. 1.

ZILLES, Urbano. Didaqué. *Catecismo dos primeiros cristãos*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2005. v. 1.

ZILLES, Urbano. *Os sacramentos da Igreja Católica*. 3. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. v. 1.

ZILLES, Urbano. *Teoria do conhecimento e teoria da ciência*. São Paulo: Paulus, 2005. v. 1.

ZILLES, Urbano. *Teoria do Conhecimento*. 5. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006. v. 1.

ZILLES, Urbano. *Significação dos símbolos cristãos*. 6. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006. v. 1.

ZILLES, Urbano. *Filosofia da Religião*. 6. ed. São Paulo: Paulus, 2007. v. 1.

ZILLES, Urbano. *A crítica da religião*. Porto Alegre: EST, 2009. v. 1.

ZILLES, Urbano. *Teoria do conhecimento e teoria da ciência*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2008. v. 1.

PICH, Roberto; ZILLES, Urbano (org.). *Filosofia, religião e ciência*. Porto Alegre: EST Edições, 2008. v. 1.

ZILLES, Urbano. *Filosofia da Religião*. 7. ed. Porto Alegre: Paulus, 2009. v. 1.

ZILLES, Urbano. *Filosofia da Religião*. 8. ed. São Paulo: Paulus, 2010. v. 1.

ZILLES, Urbano. *Antropologia Teológica*. São Paulo: Paulus, 2011. v. 1.

ZILLES, Urbano. *Desafios atuais para a teologia*. São Paulo: Paulus, 2011. v. 1.

ZILLES, Urbano. *Religiões: crenças e crendices*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012. v. 1.

ZILLES, Urbano. *Pessoa e dignidade humana*. Curitiba: CRV, 2012. v. 1.

ZILLES, Urbano. *Filosofia da Religião*. 9. ed. São Paulo: Paulus, 2012. v. 1.

ZILLES, Urbano. *Teologia da Pregação*. Porto Alegre: Letra e Vida, 2013. v. 1.

ZILLES, Urbano. *História da teologia cristã*. Porto Alegre: Letra e Vida, 2014. v. 1.

ZILLES, Urbano. *Reflexões de ocasião*. Porto Alegre: Letra e Vida, 2014. v. 1.

ZILLES, Urbano. *A experiência religiosa e mística*. Porto Alegre: Letra e Vida, 2015. v. 1.

ZILLES, Urbano. *O mistério da família*. Porto Alegre: Evangraf, 2015. v. 1.

ZILLES, Urbano. *Panorama das filosofias do século XX*. São Paulo: Paulus, 2016. v. 1.

ZILLES, Urbano. *Há espaço para a fé no mundo atual?* Porto Alegre: EST Edições, 2017. v. 1.

ZILLES, Urbano. *Significação dos símbolos cristãos*. 7. ed. Porto Alegre: EST Edições, 2018. v. 1.

ZILLES, Urbano. *Ateísmo e discurso cristão sobre Deus – Diálogo entre Teologia e Filosofia*. Porto Alegre: EST, 2018. v. 1.

ZILLES, Urbano. *Significação dos símbolos cristãos*. 7. ed. Porto Alegre: EST Edições, 2018. v. 1.

ZILLES, Urbano. *O Papa na Igreja Católica*. Porto Alegre: EST, 2019. v. 1.

ZILLES, Urbano. *Gabriel Marcel e Edith Stein*. Porto Alegre: EST, 2019. v. 1.

ZILLES, Urbano. *Discurso sobre o fim da metafísica*. São Paulo: Paulus, 2019. v. 1.

# REFERÊNCIAS

## Entrevistas realizadas

Para a elaboração desse livro foram realizadas entrevistas com os citados abaixo, nas quais os assuntos relacionados ao Monsenhor Urbano Zilles foram abordados com profundidade. Dezenas de conversas com amigos, paroquianos, ex-alunos e familiares de Urbano Zilles também forneceram preciosas informações para a pesquisa.

Amélia Kemper

Ana Zilles

Antoninho Muza Naime

Antonio Mario Pascual Bianchi

Astéria Korbes Hilgert

Clara Zilles

Clarissa Bellarmino

Dionísio Kemper

Dom Dadeus Grings

Dom Jaime Splenger

Draiton Gonzaga de Souza

Elice Klaus

Ernildo Stein

Hugo Bracht

Inácio Zilles

Irmão Evilázio Teixeira

Jorge Luis Nicolas Audy

Juremir Machado da Silva

Lia Wagner Maia

Luciano Marques de Jesus

Maria Zilles Magno Nunes

Mario Hamilton Vilela

Marlene Zilles

Mírian Grasel Gassen

Ottmar José Schneiders

Padre Carlos Steffen

Padre Leandro Chiarello

Régis Luis de Oliveira Martins

Ricardo Malcon

Ruth Gauer

Síria Zilles Specht

Urbano Zilles

Valdir Roweder Gassen

Valesca Maria Schneiders

## Acervos consultados

Museu Municipal de São João do Oeste

Site da Prefeitura de São João do Oeste

## Bibliografia

DICK, L. Uma *torre na neblina*: Colégio Santo Inácio: Salvador do Sul, 1937–1997. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 1997.

RAMBO, AB. *Somando forças*: o projeto social dos jesuítas no Sul do Brasil. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2011.

SCHNEIDER, Maikel Gustavo. Uma célula alemã na Colônia Porto Novo: a Linha Presidente Becker (1934). *Revista Espaço Acadêmico*, São Paulo, v. 17, n. 199, p. 91–101, 2017.

ZILLES, Urbano. Católicos maronitas em Porto Alegre. *Revista Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 14 , n. 64 , p. 194–196, 1984.

ZILLES, Urbano. Encontro da Comissão Fé e Constituição em Bangalore, Conselho Mundial das Igrejas. *Revista Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 8, n. 39 a 42, p. 344–347, 1978.

ZILLES, Urbano. Movimentos de Emaús. *Revista Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 6, n. 31 a 34, p. 304–305, 1976.

ZILLES, Urbano. O significado do humor. *Revista Famecos*, v. 1, n. 22, p. 83–89, 2003.

ZILLES, Urbano. Para que Universidade? *Revista Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 33, n. 140 , p. 446–448, 2003.

ZILLES, Urbano. Resposta a Leonardo Boff. *Revista Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 12, n. 55/58 , p. 229–232, 1982.

ZILLES, Urbano. *Tecnociência*: desafios atuais. Palestra proferida no dia 27 de abril de 2006 no Simpósio de Doutrina Social da Igreja da Faculdade de Teologia da PUCRS.

ISBN: 8575171607

**EDITORA UNIVERSITÁRIA DA PUCRS – EDIPUCRS**

A Editora Universitária da PUCRS já publicou mais
de 1.500 obras impressas e mais de 250 livros digitais.

Siga a EDIPUCRS nas redes sociais, fique por dentro
das novidades e participe de promoções e sorteios.

www.pucrs.br/edipucrs

www.facebook.com/edipucrs

www.twitter.com/edipucrs

www.instagram.com/edipucrs

Para receber as novidades no seu *e-mail*, cadastre-se pelo nosso *site*
ou envie um *e-mail* diretamente para comunica.edipucrs@pucrs.br.

Acesse o *QR Code* abaixo e conheça os livros impressos,
os *e-books* pagos/gratuitos, os periódicos científicos,
os próximos lançamentos e os conteúdos exclusivos da EDIPUCRS.

ediPUCRS

Av. Ipiranga, 6.681 – Prédio 33
Caixa Postal 1429 – CEP 90619-900
Porto Alegre – RS – Brasil
Telefone: (51) 3320-3523
*E-mail*: edipucrs@pucrs.br